

Nº 563 • ANO L
JUNHO 2021 • MENSAL • € 1,50

Revista da ARMADA

50
ANOS



FUZILEIROS 400 ANOS

BRAÇÀS ÀS ARMAS FEITO



Dia da Marinha
20 de maio 2021

O PELOTÃO DE
RECONHECIMENTO

FAROL DO
ILHÉU CHÃO

Foto: Rui Ochoa/Presidência da República



MENSAGEM DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA



Presidência da República

Comemora-se hoje o Dia da Marinha, num contexto excecional, e mais uma vez sem o contacto caloroso dos Marinheiros com o Povo, tal como o fizeram ao longo dos séculos. No entanto, o digital veio trazer outra forma de aproximação, permitindo que comemorem juntos o dia 20 de maio, dia em que a Armada de Vasco da Gama chegou à Índia em 1498.

Recordamos, também hoje, todos aqueles que serviram e servem na Marinha, herdeiros daqueles que dobraram o Cabo das Tormentas, ultrapassando obstáculos, que muitos afirmavam serem impossíveis de traspasar. Essa foi sempre a fibra de ser Marinheiro e servir a Pátria, o ir mais além do imaginável.

Vivemos tempos de incerteza, perante a pandemia, as alterações climáticas, as novas ameaças. Enfrentamos o desconhecido e o inesperado, tal como vós, largando para o mar ou desembarcam nas praias. A Pandemia fez com que fossem chamados os melhores para a linha da frente no combate a um inimigo invisível, e mais uma vez a Marinha disse, presente, com todo o seu saber, meios e recursos humanos, até agora, até à vacinação e para além dela.

Vós, Marinheiros, vestindo a farda para mais uma missão difícil, dando sempre o melhor nas tarefas a cumprir, colocando como primeira prioridade a proteção do Povo Português. E aquilo que tem sido feito neste mais de um ano de pandemia, tem demonstrado o quão valioso é termos uma Marinha como a nossa e umas Forças Armadas como as nossas, sempre prontas e disponíveis.

Enquanto Comandante Supremo das Forças Armadas e enquanto Português quero dizer-vos, obrigado, por tudo o que tendes dado e certamente continuareis a dar a Portugal no futuro.

Desejo profundamente que no próximo ano possamos comemorar presencialmente juntos este dia, partilhando estórias daquilo que ultrapassamos e daquilo que acabamos de vencer.

Uma palavra especial para todos aqueles, que no dia de hoje estão em missão ao serviço de Portugal no Mundo. Uma boa missão.

Muitos Parabéns à Marinha, em nome de todos os portugueses.



Prof. Dr. Marcelo Rebelo de Sousa

SUMÁRIO

- 02** Dia da Marinha 2021. Mensagem do Presidente da República
Prof. Dr. Marcelo Rebelo de Sousa

- 04** Dia da Marinha 2021. Mensagem do Ministro da Defesa Nacional e
Mensagem do Almirante CEMA e AMN

- 10** NRP *Setúbal*. Iniciativa Mar Aberto 21.1 – Parte II

- 15** Quatro séculos, no mar e em terra, na paz e na guerra.
400 anos sobre a criação do Terço da Armada da Coroa de Portugal

- 18** Fuzileiros. 400 anos

- 22** Entregas de Comando / Tomadas de Posse

- 23** O Atlas feito para tentar contrariar a viagem de Fernão de Magalhães
– 2ª Parte

- 27** Polícia Marítima. Gabinete de Psicologia

- 28** Academia de Marinha

- 30** Medalha Comemorativa

- 31** Saúde Para Todos (87)

- 32** Estórias (70)

- 33** Quarto de Folga

- 34** Notícias Pessoais

- 35** Concurso de Fotografia

- CC** Desenho alusivo aos 400 Anos dos Fuzileiros

DIA DA MARINHA 2021 **06**



13 O PELOTÃO DE RECONHECIMENTO



FAROL DO ILHÉU CHÃO. REPARAÇÕES **20**



Capa

“Esta é a ditosa Pátria minha amada” é a divisa, retirada do canto terceiro de “Os Lusíadas”, inscrita nos estandartes nacionais desde 1911.

Momento simbólico, ocorrido em janeiro de 2021, na Escola de Fuzileiros, com um grumete fuzileiro a beijar o estandarte.

O simbolismo está também associado ao hino não oficial da Força que está a comemorar os 400 anos da sua criação:

“...Só tem pátria quem sabe lutar

.....

Mil batalhas ‘inda por ganhar.”



Revista da
ARMADA

Publicação Oficial da Marinha
Periodicidade mensal
Nº 563 / Ano L
Junho 2021

Revista anotada na ERC
Depósito Legal nº 55737/92
ISSN 0870-9343

Propriedade
Marinha Portuguesa
NIPC 600012662

Diretor
CALM Aníbal José Ramos Borges

Chefe de Redação
CMG Joaquim Manuel de S. Vaz Ferreira

Redatora
CTEN TSN-COM Ana Alexandra G. de Brito

Secretário de Redação
SCH C Luís Fernando Pereira de Oliveira

Desenho Gráfico
ASS TEC DES Aida Cristina M.P. Faria

Administração, Redação e Edição
Revista da Armada - Edifício das Instalações
Centrais da Marinha - Rua do Arsenal
1149-001 Lisboa - Portugal
Telef: 21 159 32 54

Estatuto Editorial
www.marinha.pt/pt/Servicos/Paginas/
revista-armada.aspx

E-mail da Revista da Armada
revista.armada@marinha.pt
ra.sec@marinha.pt

Paginação eletrónica e produção

What Colour Is This?
wcit.pt
info@wcit.pt
Tl: +351219267950

Tiragem média mensal:
3700 exemplares

DIA DA MARINHA 2021

MENSAGEM DO MINISTRO DA DEFESA NACIONAL



Militares, Militarizados e Civis da Marinha portuguesa

Quero estender as maiores felicitações à Marinha nesta data de 20 de maio, o Dia da Marinha. Assinalamos nesta ocasião um feito emblemático dos navegadores portugueses, quando a Armada de Vasco da Gama chegou a Calecute, na Índia, em 1498.

Este ano assinalamos também uma efeméride muito especial para a Marinha: os 400 anos da criação dos Fuzileiros. Com efeito, em 1621 foi criado o Terço da Armada Real, antecessor do atual Corpo de Fuzileiros, e que se constitui assim como o corpo de tropas permanente mais antigo de Portugal.

Mantendo-se, este ano, a impossibilidade de assinalarmos esta efeméride com ações mais próximas da população, de forma descentralizada e contribuindo para a aproximação da Marinha à sociedade e para a coesão territorial, recorreremos mais uma vez à tecnologia para transmitir a nossa mensagem.

Ao longo destes meses, e pese embora as limitações impostas pela pandemia, a Marinha soube navegar águas revoltas e confinadas, adaptando-se de forma a continuar a ser relevante para Portugal, servindo os portugueses, como é seu apanágio.

Conseguiu, assim, manter o seu Dispositivo Naval Padrão e continuar a honrar os compromissos nacionais, como o empenhamento em duas missões Mar Aberto, que estão a ter especial impacto na promoção da segurança marítima durante este semestre de Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, integrando as Presenças Marítimas Coordenadas da UE no Golfo da Guiné, desde a primeira hora.

A Marinha assumiu também o comando do *Standing NATO Maritime Group 1*, uma importante responsabilidade; garantiu o emprego de Fuzileiros nas missões NATO na Lituânia, bem como o embarque de mergulhadores-sapadores em navios aliados no âmbito de forças da NATO.

Tudo isto, em simultâneo com o emprego dos seus militares nas equipas de descontaminação, nos rastreios epidemiológicos e na distribuição de refeições aos sem-abrigo, bem como na prevenção dos incêndios florestais e na vigilância balnear, em apoio à Autoridade Marítima.

Sabemos que podemos contar com a Marinha na prossecução do interesse nacional e na resposta pronta nas situações mais críticas, onde e quando é chamada a atuar.

A Marinha pode continuar a contar com o empenho do Governo e dos portugueses na sua modernização e renovação. A Marinha, que há mais de 700 anos assegura a sua relevância permanente para Portugal e para os nossos parceiros e aliados, é para todos nós uma referência.

Parabéns à Marinha!



João Gomes Cravinho
Ministro da Defesa Nacional

MENSAGEM DO ALMIRANTE CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA E AUTORIDADE MARÍTIMA NACIONAL

Militares, Militarizados e Civis da Marinha

Dirijo a todos vós uma calorosa saudação, nesta data festiva em que celebramos o Dia da Marinha 2021!

Saúdo de forma especial todos aqueles que, no mar e em terra, cumprem abnegadamente a Missão da Marinha, destacando as guarnições dos navios em missão e os militares integrados em Forças Nacionais Destacadas, bem como todos os que servem na linha da frente do combate à pandemia da COVID-19 ou que participam em missões no âmbito da Cooperação no Domínio da Defesa.

Saúdo, também, todos os membros da família naval, assim como as associações, núcleos e grupos de ex-militares, constituídas por marinheiros e fuzileiros que serviram e honraram a Pátria ao serviço da Marinha.

Espero que esta mensagem vos encontre a todos bem de saúde!

Pelo segundo ano consecutivo, vimo-nos forçados, em consequência da situação excecional causada pela pandemia, a cancelar todas as atividades públicas associadas às comemorações do Dia da Marinha.

Esta foi uma decisão difícil, ditada pelo objetivo maior de focarmos a nossa atenção na segurança dos envolvidos. Estou certo que todos a compreenderão, confiando que, num futuro não muito distante, voltaremos a abrir a Marinha à sociedade, divulgando o que de melhor fazemos com o objetivo de garantir que Portugal usa o seu Mar.

No entanto, apesar do cancelamento das atividades públicas, não pode a Marinha deixar de assinalar o seu dia, adaptando as celebrações às condições permitidas pela conjuntura atual da pandemia.

No decurso do último ano, os desafios colocados pela situação de emergência global obrigaram a um enorme esforço para assegurar a capacidade de aprontar meios e de sustentar as operações da Marinha.

Aqui, reconheço publicamente o contributo de todos para enfrentar e dar resposta a estes novos desafios, fator determinante para cumprirmos, com sucesso, as nossas missões.

Destas, saliento o contributo da Marinha para as Forças Nacionais Destacadas, em particular nos muito exigentes comandos nacionais do *Standing NATO Maritime Group 1* e da EUNAVFOR Somalia da União Europeia, bem como nas missões Mar Aberto e de capacitação da Guarda-Costeira de São Tomé e Príncipe, contribuindo para a segurança marítima no Oceano Atlântico.

Saliento, igualmente, a participação decisiva da Marinha no contributo das Forças Armadas para o esforço nacional de combate à pandemia, em especial no reforço da capacidade médica e no apoio logístico ao Hospital das Forças Armadas, mas, também, no acolhimento e tratamento de doentes, na descontaminação de centros de saúde, lares, estabelecimentos prisionais e escolas, na distribuição de alimentação a pessoas sem-abrigo, no alojamento de profissionais de saúde civis, no rastreamento de contactos e no planeamento da campanha de vacinação.

O pessoal envolvido em todas estas tarefas, incluindo um conjunto assinalável de militares na situação de reserva convocados à efetividade de serviço, mostrou elevadíssimo sentido de serviço e um profundo espírito de sacrifício, em prol do bem comum, que a todos nos deve inspirar.

Por isso, a todos e a cada um de vós, o meu profundo reconhecimento!

Não posso, igualmente, deixar de endereçar uma palavra de pesar a todos aqueles que viram partir alguém querido nesta pandemia que a todos nos ataca.

Estamos, agora, a retomar uma certa normalidade interna, pois algumas atividades da Marinha foram, naturalmente, afetadas, obrigando a desenvolver formas inovadoras e mais seguras de atuar, para que Portugal nunca deixasse de se cumprir no mar.

A evolução da situação nacional, associada ao aumento de confiança que resulta do processo de vacinação, permitem-nos um olhar de esperança sobre o futuro, sem, com isso, descurar a rigorosa observância dos comportamentos de autoproteção.

Neste Dia da Marinha, quero, na qualidade de Autoridade Marítima Nacional, saudar, também, todos os que servem nas estruturas da Direção-Geral da Autoridade Marítima e na Polícia Marítima.

Os resultados alcançados ao longo do último ano, em particular na complexa e exigente época balnear de 2020, são, também, produto das sinergias existentes entre a Marinha e a Autoridade Marítima Nacional e do trabalho conjunto das duas instituições na garantia da segurança de todos os que usam o mar, em trabalho ou em lazer, na preservação dos nossos recursos marinhos e no apoio à sustentabilidade dos oceanos. Estou convicto que este princípio, inerente à rentabilização de recursos e partilha de conhecimento, será um fator determinante nesta época balnear que agora se inicia.

Militares, Militarizados e Civis da Marinha

Aprovei recentemente a Revisão de 2021 da Diretiva Estratégica da Marinha, a qual mostrou que as orientações e os objetivos estratégicos formulados em 2018, se mantêm válidos e adequados.

Complementarmente, ficou evidente a importância de responder, com inovação, aos grandes desafios e oportunidades da sociedade contemporânea, como a sustentabilidade ambiental e a transição digital.

Dentro deste quadro, gostaria de destacar três prioridades para o futuro:

A primeira é o aumento da capacidade de retenção, diminuindo o número de saídas de pessoal, pois, quando algum de nós abandona as fileiras, a Marinha fica mais pobre. Para tal, importa reforçar as condições para que as pessoas se sintam plenamente realizadas, motivadas e recompensadas por continuarem a servir Portugal na Marinha!

A segunda é a recuperação dos padrões de prontidão operacional, através do incremento da disponibilidade dos nossos navios e do reforço do treino, de forma a potenciar os níveis de desempenho e de segurança operacional.

A terceira é a consolidação da inovação na Marinha, para melhor enfrentar o quadro atual de contínua aceleração da mudança, particularmente perceptível no ambiente de segurança e de defesa.

O plano de navegação agora revisto assenta numa estratégia de continuidade para construirmos a Marinha do futuro.

Neste âmbito, destaco o estímulo que constitui a entrada ao serviço, até ao final do presente ano, de meios que foram objeto de modernização de meia-vida, em particular a fragata *Bartolomeu Dias* e os helicópteros Lynx Mk-95A. A par com o processo de aquisição de seis Navios de Patrulha Oceânicos da 3.ª série, cujo procedimento administrativo está em curso, bem como a procura de soluções para a substituição do reabastecedor de esquadra, estes são projetos estruturantes do Programa de Renovação da Esquadra.

No domínio do empenhamento de forças, saliento o retomar do empenhamento de Forças de Fuzileiros na República da Lituânia, no âmbito das medidas de tranquilização da NATO nos países Bálticos, bem como o embarque de mergulhadores em unidades navais aliadas, no âmbito das Forças Navais Permanentes da Aliança. Estas são oportunidades de excelência para reforçar o prestígio de Fuzileiros e Mergulhadores portugueses como unidades de elevado valor operacional da nossa Marinha.

Neste Dia da Marinha – honrando o exemplo de Vasco da Gama, na data da sua chegada a Calecute, há precisamente 523 anos –, exorto-vos a unir esforços e a enfrentar o futuro com confiança renovada, aliada à competência, à determinação e ao brio marítimo que caracterizam todos os que servem Portugal na Marinha.

Só desta forma conseguiremos alcançar o sucesso no cumprimento da nossa missão, tal como os portugueses esperam e Portugal nos exige!

Viva a Marinha!!!

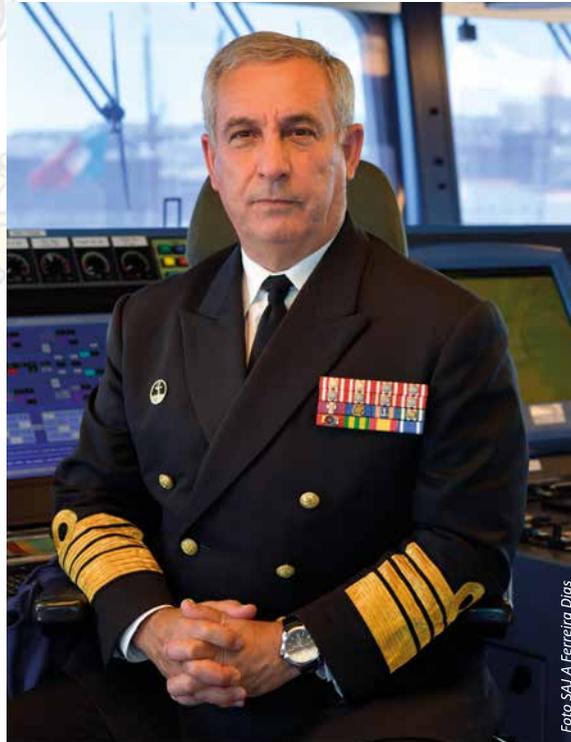


Foto SAU A. Ferreira Dias



António Maria Mendes Calado
Almirante



Dia da Marinha em Setúbal (2011)



Dia da Marinha 20 de maio 2021

Em 2020, devido à pandemia, o Dia da Marinha foi comemorado de uma forma diferente. Os portugueses foram convidados a embarcar numa viagem virtual na qual puderam assistir a momentos como o içar da Bandeira Nacional, cerimónias militares, batismos de mar, entre outras atividades que caracterizam, habitualmente, as comemorações do Dia da Marinha. Considerando as circunstâncias do contexto de pandemia que ainda se vive em 2021, e com o objetivo de garantir a segurança de todos, o Dia da Marinha voltou a desembarcar em casa dos portugueses através de uma viagem digital, que este ano trouxe ainda mais novidades.

O REGRESSO À CASA DOS PORTUGUESES – EPOPEIA DIGITAL

O dia 20 de maio evoca o feito histórico de Vasco da Gama, quando, em 1498, chegou com a sua armada a Calecute e uniu, pela primeira vez, a Europa à Ásia por via marítima. Este evento permitiu estabelecer uma presença marítima no oceano Índico e o domínio das rotas comerciais do oriente pelos portugueses. A perseverança, versatilidade e engenho de Vasco da Gama e das guarnições dos seus navios são valores que perderam no sangue do marinheiro português e a distância imposta pela COVID-19 revelou-se um obstáculo que, uma vez mais, foi possível ultrapassar.

Quinhentos e vinte e três anos depois, maio continua a ser o mês de celebrar a Marinha. Este ano, através das plataformas online – Facebook, Twitter, Instagram e Youtube – a Marinha não deixou de acolher, com brio, os seus convidados. Entre os dias 17 e 23 de maio, os portugueses tiveram a oportunidade de reverem na sua Marinha de forma virtual. Vejamos como.

No dia 12 de maio, a Banda da Armada regressou ao Pavilhão das Galeotas, no Museu de Marinha, para um concerto épico, se

bem que reservado, com a participação dos convidados especiais Dulce Pontes, Carla Algeri, Lu Yanan e Pedro Baptista (ver caixa). O concerto, publicado no dia 20 de maio, foi um dos eventos em destaque no programa do Dia da Marinha nas redes sociais, tendo alcançado, em apenas três dias, mais de 50 mil pessoas, nas várias plataformas *online*.

Foi possível conhecer o navio-escola *Sagres* e a fragata *Álvares Cabral*, através de uma visita guiada, subindo a bordo e visitando os locais mais emblemáticos dos dois navios. Também a Escola de Tecnologias Navais abriu as portas da sua cozinha para diferentes *workshops*, que permitiram ensinar esta arte que, em terra ou no mar, é vital para o cumprimento da missão.

Nesta navegação pelo ciberespaço, os portugueses tiveram, ainda, a oportunidade de saber o que é “Ser Marinheiro”, através do testemunho de dois marinheiros de diferentes gerações, que colocaram em palavras as suas experiências e vivências, enquanto militares que servem Portugal no mar. Também o Centro de Recrutamento da Armada convidou todos os jovens interessados em concorrer à Marinha para duas sessões de esclarecimento através da plataforma Zoom. As sessões contaram com 120 participantes, os quais tiveram a oportunidade de colocar todas as suas dúvidas e questões à equipa de recrutamento.



Foto SAJ ETC Silva Parracho

CONCERTO DA BANDA DA ARMADA

No dia 12 de maio, a Banda da Armada (BA) regressou ao Pavilhão das Galeotas para realizar um concerto comemorativo do Dia da Marinha 2021. Na primeira fila da propositadamente pequena audiência (devido às restrições sanitárias), destaque para a Secretária de Estado dos Recursos Humanos e Antigos Combatentes, Prof. Dra. Catarina Sarmento e Castro, e para o CEMA/AMN, ALM Mendes Calado.

Assumindo-se como uma circum-navegação musical, o aludido concerto não só evocou o 5.º centenário da viagem de Fernão de Magalhães como assinalou a diáspora portuguesa e o legado que emergiu das relações multiculturais efetuadas.

Em jeito de um olhar metafórico sobre um dos *ex-libris* da Marinha Portuguesa, a BA iniciou a sua rota musical com a abertura *Sagres*, do compositor Gilson Santos; de seguida, a estreia mundial da sumptuosa obra programática *O Diário de Pigafetta*, da autoria do 2SAR B Pedro Pires. Esta última obra faz a vénia devida não só à façanha náutica de Magalhães, mas também ao marinheiro, geógrafo e escritor italiano, António Pigafetta, que, com o seu labor, registou minuciosamente toda a viagem.

A “jornada” prosseguiu com sonoridades hispânicas, em homenagem ao país donde partiu a expedição de Magalhães. Com mestria, o guitarrista Pedro Baptista interpretou o adagio do *Concerto de Aranjuez*, do compositor Joaquín Rodrigo.

No ocaso da primeira parte deste concerto, para assinalar a passagem de Magalhães pelo Porto de São Julião e os duzentos anos do reconhecimento da soberania da Argentina por parte do reino português, a BA interpretou *Adios Nonino*, uma das mais famigeradas obras de Astor Piazzolla, compositor cujo centenário do nascimento se comemora este ano.

Na segunda parte do concerto de gala contou-se de novo com “sangue argentino”, pela mão de uma das mais aclamadas bandoneonistas da atualidade, Carla Algeri; num jogo sedutor com os restantes músicos, emprestou ao momento a voluptuosidade própria das obras *Milonga del Angle* e *Oblivion*.

Não menos excêntrica foi a intervenção de Lu Yanan que, através do instrumento de corda tradicional chinês, a pipa, deleitou os ouvintes com as encantadoras melodias da obra *Swan*, do compositor Liu Decai, e imprimiu um sabor particular ao celebríssimo fado *Uma Casa Portuguesa*, de Amália Rodrigues.

O *terminus* do concerto foi preenchido com mais uma brilhante exibição conjunta da cantora Dulce Pontes e da Banda da Armada, onde canções como *Renascer*, *O Infante*, *Fernão de Magalhães*, *Maria de Buenos Aires*, *Canção do Mar* e *Amor a Portugal*, convolveram o mencionado espetáculo num autêntico e feliz banquete musical.

No final a BA, sob a direção do CFR Délio Gonçalves, foi calorosamente aplaudida pela “plateia” e presenteada com uns singelos PARABÉNS pelo ALM CEMA/AMN.



João Andrade Nunes
CAB B

OUTROS ÓRGÃOS DO SETOR CULTURAL

Como já é tradição, a oferta cultural foi também vasta. Com acesso gratuito no dia 20 de maio, os Órgãos de Natureza Cultural da Marinha receberam mais de 500 visitantes, um número muito significativo considerando o contexto de pandemia que ainda se vive e tratar-se de um dia de semana. Adicionalmente, o Museu de Marinha ofereceu ao seu público a possibilidade de realizar uma visita virtual com a companhia de um guia muito especial: “Fernão de Magalhães”; esta atividade, que resulta de uma parceria da Marinha com a Coolture Tours, possibilita a realização de diversas visitas encenadas.

O Aquário Vasco da Gama também abriu as suas portas para uma visita guiada virtual, bem como a fragata *D. Fernando II e Glória*, que permitiu que os seus visitantes subissem a bordo através do Youtube, para uma experiência de 360º no último navio exclusivamente à vela da Marinha Portuguesa. Já a Biblioteca Central de Marinha promoveu um inédito *Podcast* denominado “Dia M”, que pode ser ouvido no Spotify.

Integrado no programa das comemorações, no dia 22 o Museu de Marinha viu o seu património enriquecido com a embarcação *Abrangel*, doada pela Câmara Municipal de Ferreira do Zêzere. Esta embarcação, típica do rio Zêzere, foi construída na localidade de Dornes, o único local da Albufeira de Castelo de Bode que mantém viva a tradição e saber-fazer de construção destas embarcações, na pessoa do Mestre calafate José Alberto Ferreira, com os conhecimentos que passaram de geração em geração.

INSTITUTO HIDROGRÁFICO

A Associação Mundial de Infraestrutura de Transporte Aquaviário (PIANC), com o apoio do Instituto Hidrográfico, organizou o Webinar “Engenharia Costeira e Portuária em Portugal e no Mundo: O testemunho dos jovens profissionais portugueses”, que decorreu exclusivamente *online* e foi transmitido através do canal do Youtube do Instituto Hidrográfico. Tendo como objetivo reunir jovens profissionais portugueses, a trabalhar em Portugal e no estrangeiro, levando-os a apresentar os trabalhos que estão a desenvolver, este evento focou-se na prática da engenharia marítimo-portuária nos países onde estão a trabalhar e nas diferenças com a atividade em Portugal.

CNOCA

A expressão “navegar *online*” alcançou o seu expoente máximo através da Regata Virtual, organizada pelo Clube Náutico dos Oficiais e Cadetes da Armada (CNOCA). As provas decorreram entre os dias 21 e 23 de maio, através da aplicação *Virtual Regatta In-Shore*, e contaram com 134 participantes nacionais e internacionais. A última prova, decorreu no dia 23 e nela participaram alguns dos melhores velejadores do mundo, disputando a final da *eRegatta*, que foi transmitida em direto no Youtube da Marinha.

Ainda no decorrer desta navegação virtual, o CNOCA organizou três sessões de conversa com vários atletas de desportos náuticos, dos quais se destaca a velejadora Joana Pratas, que foi por três vezes apurada para competir nos Jogos Olímpicos. Os atletas responderam a questões sobre os campeonatos e sobre a sua atividade desportiva, partilhando as suas dificuldades, desafios e conquistas.

OUTRAS ATIVIDADES

Na manhã do dia 20 realizou-se uma missa no Mosteiro dos Jerónimos (ver caixa), celebrada por D. Rui Valério, Bispo das Forças Armadas, coadjuvado por vários capelães militares; o Presidente da República, Prof. Dr. Marcelo Rebelo de Sousa, dignou-se participar nesta celebração litúrgica. Na tarde desse mesmo dia decorreu, no Pavilhão da Galeotas, o lançamento do mais recente livro do VALM Reis Rodrigues (ver caixa); presidiu a esta cerimónia o CEMA, ALM Mendes Calado.

O Dia da Marinha é também sinónimo de atividades ao ar livre, que este ano foram limitadas devido à situação de pandemia. Como se tem mostrado até aqui, todos os obstáculos são possíveis de ultrapassar e, em 2021, o desporto não deixou de estar em destaque nas comemorações. Com o apoio da plataforma ACORRER, a Marinha organizou uma corrida virtual, um desafio com distâncias de 5, 10 e 21 quilómetros que decorreu entre os dias 20 e 23 de maio e pôs 370 atletas a correr pela Marinha. Os grandes vencedores das provas, masculinos e femininos, foram, respetivamente, Paulo Bandalho e Margarida Moita (5 km), David Barros e Helena Santos (10 km) e Luís Merca e Sílvia Mendes (21 km).

Os Comandos das Zonas Marítimas coordenaram também diversas atividades no âmbito das comemorações do Dia da Marinha, com destaque para as regatas que decorreram nos arquipélagos da Madeira e dos Açores e para a exposição "Marinha nos Açores", em exibição no Centro Comercial Parque Atlântico. A Marinha, com o apoio do Comando da Zona Marítima do Sul, esteve também em destaque nos órgãos de comunicação da região do Algarve, que tiveram a oportunidade de embarcar a bordo do NRP *Escorpião* e do NRP *Hidra* e assistir a uma demonstração de capacidades.

ENTROSAMENTO VIRTUAL MARINHA — PORTUGUESES

O carinho com que os portugueses acolheram todas as iniciativas da Marinha, demonstrado através das mensagens, dos comentários, partilhas e *e-mails* é equivalente a todas as palavras, gestos e convívio com que os Marinheiros são recebidos quando as comemorações estão presentes fisicamente numa localidade. Em centenas de mensagens privadas e comentários que chegaram através dos meios *online*, não faltaram elogios à missão da Marinha, no mar e em terra, a partilha de recordações dos antigos camaradas e a alegria dos familiares que, com orgulho, afirmam que têm em casa alguém que pertence ou pertenceu à Marinha. Pode dizer-se que a distância física em nenhum momento eliminou a proximidade afetiva e emocional que existe entre a Marinha e os portugueses.

Neste momento em que recordamos os grandes feitos de antigos navegadores portugueses, é importante refletir sobre o empenhamento da Marinha durante o último ano, destacando a capacidade de prestar apoio a todos os portugueses no âmbito do combate à Covid-19, ao mesmo tempo que, 24 horas por dia, são cumpridas missões, garantindo a proteção do Mar Português, honrando compromissos internacionais ou atuando na defesa dos interesses nacionais.

24H/DIA, 365 DIAS/ANO

Diariamente, os navios da Marinha que garantem o Dispositivo Naval Padrão, e o pessoal que presta serviço nos Centros de Coordenação de Busca e Salvamento de Lisboa e de Ponta Delgada e do Subcentro de Coordenação de Busca e Salvamento Marítimo o Funchal, estão empenhados na sua principal missão, que é a salvaguarda da vida humana no mar.



Foto SAJ ETC Sílvia Parracho

CELEBRAÇÃO LITÚRGICA EM LISBOA

Acontecimento incontornável da gesta dos Descobrimentos, a chegada de Vasco da Gama a Calecute foi lembrada quinhentos e vinte e três anos depois de ter ocorrido, já que se trata da data escolhida, há alguns anos, para o Dia da Marinha.

E apesar das restrições em vigor, a Marinha não deixou de incluir no seu plano de comemorações, predominantemente virtual, uma Eucaristia em sufrágio dos militares, militarizados e civis que fizeram parte da família naval.

Presidiu à Eucaristia, que ocorreu na Igreja de Santa Maria de Belém- Jerónimos, o Bispo das Forças Armadas e de Segurança, Dom Rui Manuel Sousa Valério. Estiveram presentes o Presidente da República, a Secretária de Estado dos Recursos Humanos e Antigos Combatentes e, também, muitos dos mais altos responsáveis da Marinha Portuguesa.

Durante a sua Homília, D. Rui Valério deixou uma mão cheia de palavras elogiosas à missão da Marinha Portuguesa; afirmou nomeadamente:

“Perita na arte da navegação, com o seu *talent de bien faire*, não só dominou os mares, como foi a Marinha Portuguesa que transformou o Mar em caminho. Esta é a sua verdadeira especialidade: construir e indicar caminhos que conduzem à conquista de novos conhecimentos e de novas possibilidades de vida.

Fomos e somos peregrinos do Mar. Vivemo-lo enquanto interpelação e apelo. Desvendando-o, descobrimo-nos. A nós mesmos e ao Outro.

“Cumpriu-se o Mar”, escreveu ainda Pessoa. Cumpriu-se e continuará a cumprir-se. Porque é a nossa vocação. Porque é o nosso desígnio”.

O prelado continuou mais à frente com as seguintes palavras: “A Marinha Portuguesa, na ação civilizacional que empreendeu no mundo, deixava, por onde passava, o último grito das descobertas científicas e as mais recentes invenções tecnológicas. Mas a bordo das suas embarcações, levava, sobretudo, os meios e instrumentos de libertação, transportava a consciência da dignidade da pessoa humana. Aqui fica a nossa homenagem à Marinha, àqueles e àquelas que já partiram para o porto eterno da eternidade e a quem se deve o facto de o mar se constituir como espaço aberto. É esta liberdade marítima que hoje elogiamos e agradecemos.”

Antes da bênção final, Dom Rui Valério deixou um agradecimento para com todos os que estiveram envolvidos na liturgia, em especial para a animação musical — coro formado por elementos da Banda da Armada — e formulou votos para que todos aqueles que enformam a família naval continuem a cumprir a sua missão pela Marinha e por Portugal.



José Ilídio Fernandes da Costa
CMG CAP

Desde o início do ano, a Marinha: comandou, a bordo de navios da Armada Espanhola, a Força Naval da União Europeia para a Somália; realizou uma missão no mar Mediterrâneo no âmbito da Agência FRONTEX; participou em duas missões no âmbito da Iniciativa Mar Aberto, uma das quais ainda em curso; participou no exercício internacional SPANISH MINEX 21, com uma equipa do Destacamento de Mergulhadores Sapadores nº 3; e organizou um dos maiores exercícios multinacionais que decorrem em Portugal, o CONTEX-PHIBEX 21.

Ao mesmo tempo a Marinha garantiu a preparação de navios e militares para futuras missões, merecendo destaque a Força de Fuzileiros Lituânia 2021, que parte já no dia 1 de junho para uma missão no âmbito das Medidas de Tranquilização da NATO no flanco

co Leste da Europa, e a preparação da fragata *Corte-Real* para integrar o *Standing NATO Maritime Group 1*.

Após o “terminus” desta viagem virtual, podemos concluir que as comemorações do Dia da Marinha voltaram a exceder as expectativas, graças ao trabalho de todas as unidades que estiveram envolvidas e da adesão do público, que mais uma vez esteve sempre presente.

A Marinha está onde é preciso, junto dos portugueses e sempre pronta para cumprir Portugal no mar e em terra.



Colaboração do CIRP/ GAB CEMA



Fotos SAJ ETC Silva Parracho

LANÇAMENTO DO LIVRO “AS MARINHAS NA DEFESA DOS INTERESSES NACIONAIS. O CASO PORTUGUÊS”

O lançamento do livro do VALM Alexandre Reis Rodrigues “As Marinhas na defesa dos interesses nacionais. O caso Português”, uma edição da Comissão Cultural de Marinha (CCM), integrou o conjunto de eventos do Dia da Marinha de 2021, decorrendo a partir das 17 horas, do dia 20 de maio, no Pavilhão das Galeotas do Museu de Marinha. As regras sanitárias em vigor em tempos de pandemia foram estritamente observadas, nomeadamente em relação ao número máximo de pessoas na audiência e ao seu distanciamento físico.

Ainda antes da apresentação, numa curta cerimónia, o VALM Reis Rodrigues recebeu, por decisão do Presidente da República, Prof. Dr. Marcelo Rebelo de Sousa, a Grã-Cruz da Medalha de Mérito Militar, em reconhecimento da sua ilustre carreira militar.

Seguiu-se a apresentação da obra pelo VALM Lopo Cajarabille, que foi o compilador e organizador dos textos. O livro, que conta com uma nota de abertura do Almirante CEMA e um prefácio do Dr. Jaime Gama, reúne nove artigos, anteriormente publicados nos Anais do Clube Militar Naval e nos Cadernos Navais. O texto mais antigo, publicado em 2012, refere-se à pirataria; focado, *grosso modo*, nos cenários do Índico e Corno de África, não reflete, de acordo com o autor, a situação atual na área. Porém mantêm-se válidas a generalidade das considerações políticas e operacionais aí desenvolvidas.

O livro abarca, portanto, um arco temporal de oito anos, sendo que cinco dos textos foram publicados em 2020 e 2019. Ao longo dos nove capítulos, Portugal, o Mar (como elemento de

ligação e prolongamento do País) e a(s) Marinha(s) são apresentados como resultado de uma reflexão informada e ponderada pela experiência e vivência do autor, em vários cenários e momentos históricos distintos. A clareza da linguagem utilizada e o enquadramento dos vários temas abordados permitem, a um leitor menos versado nestas matérias, entender questões que, apesar da sua importância, são muitas vezes apresentadas com linguagem e conceitos demasiado eruditos, i.e., dificilmente apreensíveis.

Muito embora a abordagem seja mais vasta, muitas das qualificadas reflexões que a obra encerra enquadram-se naquilo que soe chamar-se “pensamento estratégico”.

A Eng.ª Ana Reis Rodrigues, uma das filhas do autor, leu as palavras de agradecimento do autor e o Diretor da CCM, CALM Garcia Belo, referiu o exemplo do VALM Reis Rodrigues, não apenas como Militar, Comandante e Chefe, mas também como observador atento do Mundo e pensador, patente, por exemplo, na Crónica Internacional que publicou regularmente nos Anais do Clube Militar Naval.

A encerrar, o Almirante CEMA enalteceu a importância da ação do VALM Reis Rodrigues, não apenas no espaço circunscrito da Marinha em Portugal, mas também no espaço alargado da NATO, bem patente na coerência da obra desenvolvida após deixar o serviço ativo na Marinha — o seu legado “estratégico” às gerações presentes e vindouras.

Seguiu-se uma sessão de autógrafos.



Presenças Marítimas Coordenadas – patrulha conjunta com o EPPS Furor

NRP SETÚBAL

INICIATIVA MAR ABERTO 21.1

PARTE II

A presente missão do navio de patrulha oceânico NRP *Setúbal*, para além da participação, já ocorrida, no exercício multinacional OBANGAME EXPRESS 21, insere-se ainda no âmbito dos seguintes programas de cooperação e projetos-piloto: as Presenças Marítimas Coordenadas (PMC) da União Europeia (UE) para o Golfo da Guiné (GoG); e a Cooperação no Domínio da Defesa (CDD) com os países da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e com outros países amigos e com interesses comuns na região.

Após ter praticado os portos de Bissau, da cidade da Praia e de Abidjan (ver RA n.º 562), tendo navegado mais de 470 horas e percorrido 5096 milhas em março, o navio prosseguiu a sua missão, apresentando-se o respetivo relato referente ao mês de abril.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Durante o período em que o navio esteve fundeado na baía de Ana Chaves, ao largo de São Tomé, foram desenvolvidas diversas atividades: de cariz social; de apoio logístico ao NRP *Zaire* e à Guarda Costeira (GC) de São Tomé e Príncipe (STP); e médico-sanitárias (administrada a primeira dose da vacina contra a COVID-19 ao conjunto da guarnição, são-tomense e portuguesa, do NRP *Zaire*).

Organizado pela Embaixada de Portugal em STP, realizou-se, no centro cultural português, um colóquio subordinado ao tema *A criminalidade marítima no GoG – desafios prementes para São Tomé e Príncipe*. Na ocasião, o Comandante do navio apresentou os objetivos da missão em curso, relevando a importância do projeto-piloto PMC, i.e., a materialização de parte dos acordos de cooperação de defesa e fiscalização, de vigilância conjunta, de segurança marítima e de atividades científicas da UE, de que Portugal é pioneiro.



Colóquio "A criminalidade marítima no GoG – desafios prementes para STP"



STEN MN José Manuel de Menezes em STP, junto ao busto do bisavô.

Nesta curta escala, a RTP realizou, a bordo, uma entrevista ao STEN MN Manuel de Menezes, bisneto do médico são-tomense Ayres de Menezes, figura nacional que emprestou o seu nome ao principal hospital de STP.

Após uma avaliação técnica, militares do navio repararam alguns dos recetores e transmissores instalados pela Marinha Portuguesa no Centro de Operações da GC de STP.

Durante a estada em porto, foi recebida a bordo uma comitiva constituída por: Embaixador de Portugal em STP, Prof. Dr. Rui Fernando Sucena do Carmo; Ministro da Defesa e Ordem Interna de São Tomé e Príncipe, Dr. Óscar Aguiar Sacramento e Sousa; Vice-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas de STP, COR Olinto Paquete; Adido de Defesa, COR Costa dos Reis; e Comte. do NRP *Zaire*, 1TEN Miguel Vieira.

ANGOLA - AMBRIZ

No decurso do trânsito para Luanda, o NRP *Setúbal* fundeou, ao nascer do sol do dia 11 de abril, junto ao Ambriz. No âmbito da CDD, foram aí desenvolvidas diversas atividades com o Grupo Especial de Fuzileiros (GEF) da Marinha de Guerra de Angola (MGA), sediado na Brigada de Fuzileiros Navais. Além da realização de palestras teórico-práticas na área da abordagem ao navio, ao longo do dia foram treinadas: técnicas de movimentação a bordo; revistas aos elementos embarcados; inspeções de compartimentos; manobra de botes; abordagens ao próprio navio; e subidas a bordo.



Cooperação no Domínio da Defesa com o Grupo Especial de Fuzileiros

No decorrer da breve estadia no Ambriz, o navio recebeu a bordo a visita do Comte. da Brigada de Fuzileiros Navais, CALM Casimiro Gomes, do 2.º Comte. da Escola de Fuzileiros Navais, CFR Boaventura Mbunga, e do Diretor Técnico do Projeto da Marinha em Angola, CMG Passos Ramos.

ANGOLA - LUANDA

Após atracar no cais de Luanda, todos os militares da guarnição foram testados à COVID-19, com 10% de resultados negativo. O Comte. do navio realizou visitas protocolares ao Capitão do Porto de Luanda, Comte. Vunge André, ao Diretor Nacional Adjunto da Direção Nacional de Política de Defesa, BRIG José Catumbela, e ao Comte. da Esquadra Naval de Angola, VALM Augusto Pedro.



Visita a bordo do Embaixador de Portugal em Angola e do Secretário-Executivo Adjunto para Assuntos Políticos da Comissão do Golfo da Guiné

Ao longo dos cinco dias seguintes, decorreram diversas visitas a bordo por parte de cadetes da Academia Naval Angolana onde, em 2015, o Comandante do navio lecionou as cadeiras de navegação. Durante essas visitas foram esclarecidas dúvidas relacionadas com vida a bordo em unidades navais, sinal nítido do interesse desses cadetes pela cultura marítima e pelo mar que a todos nos une.

O navio foi também visitado por: oficiais da Escola Superior de Guerra de Angola; uma delegação do Consulado português em Angola; e comitivas das Embaixadas do Brasil e dos Estados Unidos da América.

Protocolarmente, o navio recebeu a bordo o Embaixador de Portugal em Angola, Professor Dr. Pedro Pessoa e Costa, e o Secretário Executivo-Adjunto para os Assuntos Políticos da Comissão do Golfo da Guiné, Dr. Afonso Eduardo; na ocasião, decorreu a assinatura do livro de honra do navio pelo Embaixador de Portugal, ao que se seguiu uma conferência de imprensa com a participação do Comandante do navio.



Exercícios de simulacro de incêndios a bordo do NRP Setúbal

Na retribuição da visita, o Comandante do NRP *Setúbal* foi convidado para uma refeição na residência oficial do Embaixador de Portugal em Angola; como sinal da importância dada à presença naval portuguesa na região, foram também convidados a Embaixadora da UE, Professora Dra. Jeannette Seppen, a Embaixadora dos Estados Unidos da América, Professora Dra. Nina Maria Fite, e o Embaixador do Brasil, Professor Dr. Rafael Vidal.

No decurso da estada no porto de Luanda foram ainda realizados:

- Exercícios de simulacro de incêndios a bordo (treinando a área da Limitação de Avarias) e de treino e formação de mergulho, no âmbito da CDD. Oriundo de Portugal, foi entregue diverso material às Forças Armadas de Angola.

- Palestras, por parte do Comandante, do médico e do enfermeiro de bordo, nas quais foram abordados os objetivos da Iniciativa Mar Aberto, a segurança marítima no Golfo da Guiné e o Sistema de Saúde Militar.

Antes de largar para rumar ao Lobito, o NRP *Setúbal* embarcou, ao abrigo da cooperação bilateral entre Portugal e o Brasil, um oficial da Marinha Brasileira — o CTEN Barreto de Oliveira. O oficial brasileiro juntou-se assim ao oficial da US Coast Guard; estes embarques são sinónimo do reforço das relações da Marinha com os dois países.



CTEN Alison Barreto de Oliveira, oficial da Marinha do Brasil, com o Comandante do NRP *Setúbal*

ANGOLA - LOBITO

Após um dia de navegação com rumos sul, o NRP *Setúbal* atracou no porto do Lobito para dar continuidade às ações de cooperação militar. Nesse âmbito foram realizadas atividades de instrução e treino de mergulho — uma interação entre os mergulhadores embarcados e elementos do Destacamento de Mergulhadores do Lobito.

Principais atividades no decurso dos 4 dias de permanência neste porto do sul de Angola:

- Visita ao navio por parte de oficiais, sargentos e praças da Região Naval Sul (RNS) de Angola.

- Visita ao navio por parte de militares da Academia da Força Aérea Nacional (AFAN), da Escola Militar Aeronáutica da Força Aérea Nacional (EMAFAN), do Instituto Superior da Força Aérea Nacional (ISFAN), e da Escola de Especialistas Navais (EEN).

- Realização de um exercício de simulacro de incêndio a bordo.
- Partilha de experiências e vivência a bordo de unidades navais com militares femininas da EEN e da RNS

- Duas palestras efetuadas pelo Comandante do navio e pelo médico de bordo, subordinadas aos temas *A Missão Iniciativa Mar Aberto e segurança marítima no Golfo da Guiné e o aprontamento dos militares para missão.*

O Comandante do *Setúbal* deu uma conferência de imprensa aos órgãos de comunicação social locais e, a nível protocolar, apresentou cumprimentos a diversas entidades locais, civis e militares.



Militares femininas da EEN e da RNS



Visita protocolar à RNS

CONTINUAÇÃO DA MISSÃO

Depois de largar do porto de Lobito, o NRP *Setúbal* rumou a norte; a 27 de abril, iniciou uma patrulha conjunta de área com o ESPS *Furor*, no âmbito do projeto piloto PMC e a pedido do embaixador da UE em Libreville, no Gabão.

Esta patrulha conjunta, que decorreu na área geográfica entre o Gabão e a zona económica exclusiva (ZEE) de STP, focou-se na segurança marítima em alto mar. No decurso da patrulha foi possível desenvolver diversas ações: treino de reabastecimento do mar; partilha de informação e de compilação do panorama de superfície através de comunicações táticas; e treino de abordagem a embarcações suspeitas de ações de pirataria, narcotráfico e tráfico de armas.

Já sem o *Furor*, a patrulha marítima prosseguiu no arco noturno, agora em conjunto com NRP *Zaire*, a caminho da ilha do Príncipe (STP). O navio de patrulha oceânico NRP *Setúbal* prosseguirá a sua missão, praticando o fundeadouro da baía de Santo António, no Príncipe, e os portos de Lagos, na Nigéria, Tema, no Gana e Mindelo, em Cabo Verde. O navio continuará a operar no mar, ao abrigo das PMC, com os navios das marinhas europeias presentes no Golfo da Guiné. Colaborará igualmente com as Forças Armadas dos países a visitar no âmbito da CDD, prevendo desenvolver, diversas atividades de formação e treino por forma a partilhar conhecimentos e manter o adestramento dos militares. Mas isso será objeto de relato na próxima edição da RA.

O navio tem previsto o regresso à Base Naval de Lisboa a 30 de maio.

PORTOS	BAÍA ANA CHAVES STP	AMBRIZ ANGOLA	LUANDA ANGOLA	LOBITO ANGOLA
CHEGADA	04 ABR	11 ABR	12 ABR	20 ABR
LARGADA	08 ABR	11 ABR	19 ABR	24 ABR



O PELOTÃO DE RECONHECIMENTO

Dentro do Corpo de Fuzileiros há equipas especializadas em determinadas ações táticas. Uma delas, o Pelotão de Abordagem, e a sua atuação num teatro operacional, foram abordadas nas páginas da edição nº 561 (abril) da RA. Agora focamo-nos noutra equipa – o Pelotão de Reconhecimento (PELREC).

PADRÕES DE PRONTIDÃO OPERACIONAIS



O PELREC compete recolher informação de cariz tático sobre o terreno e o opositor. Isto permite o esclarecimento do panorama situacional para que o elemento de comando detalhe com rigor o seu plano de ação. Este pelotão deve estar preparado para ser projetado de forma autónoma, conduzir ações de reconhecimento por longos períodos e reportar em tempo útil toda a informação recolhida através de todos os meios de comunicação disponíveis.

Para que uma força militar, qualquer que seja o escalão esteja sempre pronta a ser empregue quando e onde necessário, há todo um processo de preparação a montante, compreendendo uma certa metodologia de treino e avaliação periódica, i.e., há que criar as condições para que esse grupo atinja e mantenha determinados padrões operacionais e uma elevada prontidão de resposta.

Esse ciclo compreende três fases:

O treino de base

Nesta fase são consolidadas as competências comuns a qualquer fuzileiro, as quais se encontram presentes em todas as ações militares. Destaca-se aqui: o treino de tiro de combate, com o armamento orgânico do pelotão; o treino de comunicações táticas, com os sistemas rádio em uso no Corpo de Fuzileiros; e o treino de socorrismo em combate.

O treino específico

Nesta fase, o PELREC treina as suas áreas específicas de atuação, de forma seriada, a fim de fortalecer os procedimentos no âmbito do amplo espectro do seu emprego tático.

Esta consolidação da preparação está mais focada nos seguintes processos:

- Planeamento: inicia-se com a análise de missão; segue-se a seleção de modalidades de ação e o *backbrief* ao escalão

superior; terminando com o *briefing* de missão ao grupo de reconhecimento;

- Inserção: pode ser feita por meios aéreos, navais ou terrestres;
- Infiltração: levada a cabo com recurso a botes de assalto ou por natação de superfície.
- Ação no objetivo: compreende o reconhecimento e marcação da praia de desembarque, a observação e relato de alvos, e o reconhecimento de itinerários e zonas de interesse.
- Tratamento e passagem de informação: há que compilar todos os dados recolhidos e elaborando um produto tipo *Target Intel Package*, que apoie o processo de tomada de decisão do comando da unidade apoiada.

O treino de integração de força

Nesta última fase, quando as proficiências específicas do grupo já se encontram verificadas, torna-se essencial integrar a nova capacidade no reforço de uma força tarefa, para que leve a cabo ações de reconhecimento e vigilância. Ou seja, pretende-se que o grupo de reconhecimento integre o processo de planeamento tático e seja empregue no sentido de: clarificar os *gaps* de informação da área de operações; eliminar alvos de oportunidade através de atiradores especiais; posicionar observadores avançados para pedidos de apoio de fogos; e pesquisar, detetar e ou sinalizar eventuais engenhos explosivos.

Todo este leque de capacidades faz com que o PELREC atue como um elemento altamente diferenciador e capaz de potenciar o vetor de projeção de força do Corpo de Fuzileiros.

PASSADO E WAY AHEAD

No plano operacional de empenhamento, há a destacar a participação do PELREC nas seguintes missões: Operação de Evacuação de Não Combatentes (NEO) na Guiné-Bissau, em 1998; Operação de Apoio à Paz em Timor Leste, entre 2000 e 2004; missão militar da União Europeia na República Democrática do Congo, em 2006; Operação de Assistência militar à ilha da Madeira após

POTENCIAL CENÁRIO

Eis uma hipotética situação operacional demonstrativa do conceito de emprego do PELREC numa operação anfíbia, em apoio a uma FFZ.

Após a receção de uma missão, a Força de Fuzileiros (FFZ) embarcada em navios da Marinha, inicia o seu processo de planeamento. É executada a **análise de missão** e estabelecida a **missão deduzida**: a força deve lançar um ataque ao posto de comando (PC) opositor para o neutralizar e assim contribuir para a degradação da sua capacidade de comando e controlo. Várias questões se levantam:

“Onde podemos desembarcar?”

“Quantos militares guarnecem o objetivo?”

“Quais os pontos vulneráveis que podem ser explorados?”

Estes requisitos foram levantados pela célula de informações da FFZ embarcada. A incerteza é transformada num plano de pesquisa atribuído a uma unidade capaz de recolher essas respostas. Assim, inicia-se o planeamento para uma missão de reconhecimento. *“Conhece teu inimigo e conhece-te a ti mesmo; se tiveres cem combates a travar, cem vezes serás vitorioso.”*¹ Com esta máxima em mente, a FFZ prepara-se para lançar uma operação ofensiva explorando o efeito surpresa, a iniciativa e a rapidez na coordenação das suas ações.

No hangar de voo, as pás do rotor do helicóptero iniciam o seu movimento e, de fato de mergulho envergado, os militares do PELREC embarcam na aeronave.

Splash!

Fugindo aos sistemas de deteção do inimigo, saltando na escuridão para a água, nadando posteriormente de forma encoberta até à praia de desembarque.

Touchdown!

Rapidamente, mas em silêncio, inicia-se o reconhecimento do eixo de aproximação para o objetivo, bem como a validação do esquema de manobra da força. Posteriormente, são irradiadas as equipas de reconhecimento para vigiar e cobrir o PC opositor.

Eyes on Target!

Os dados recolhidos são agregados num pacote de informações enviado para a FFZ embarcada. Estes dados potenciarão as probabilidades de sucesso da operação, pois contêm as respostas às perguntas levantadas pela célula de informações.

Definida a hora-H, a FFZ embarca em botes de assalto e aproxima-se de forma encoberta da praia de desembarque. Recorrendo a um visor noturno, identifica-se a sinalização da praia, possibilitando assim um desembarque silencioso e em segurança. As rotinas e o momento de oportunidade foram identificados, cabendo ao Comandante da FFZ proceder aos ajustes necessários. Paralelamente, o grupo de reconhecimento aconselha sobre o posicionamento dos morteiros de 60mm, ficando o objetivo dentro do alcance dos sistemas de armas da força; o grupo de segurança avança no sentido de isolar o PC, por forma a impedir reforços ou fugas do objetivo; finalmente, o grupo de assalto, guiado por uma equipa de reconhecimento, posiciona-se no flanco do objetivo. A ação final inicia-se com total surpresa e de forma inesperada, através da eliminação da(s) sentinela(s) e da abertura de uma brecha, ações habilmente preparadas e conduzidas pelo grupo de reconhecimento. Estão assim reunidas as condições para o sucesso da missão.

o temporal que assolou a região, em 2010; missão na Lituânia, em 2018 e 2019; e apoio militar de emergência a Moçambique após a passagem do ciclone Idai, em 2019.

Para finalizar, atento a que as situações de crise e conflito, são muitas vezes definidas como um complexo e interativo duelo entre adversários que permite que um se adapte, ou antecipe, as estratégias do outro. Nesse sentido, o futuro do PELREC passará por:

- Capacitar as equipas de reconhecimento com sistemas aéreos não tripulados, para diminuir a pegada no terreno e aumentar o alcance de ações de reconhecimento;
- Integrar sistemas de comunicação táticos interoperáveis, modernos e que assegurem a passagem de informação das equipas de reconhecimento nas equipas de reconhecimento, de forma a permitir uma passagem de informação em tempo real, tendo em vista aumentar a velocidade do processo de tomada de decisão militar.
- Dotar as equipas de capacidades de projeção distintas: meios de desembarque para as operações anfíbias; e meios motorizados para as operações terrestres.

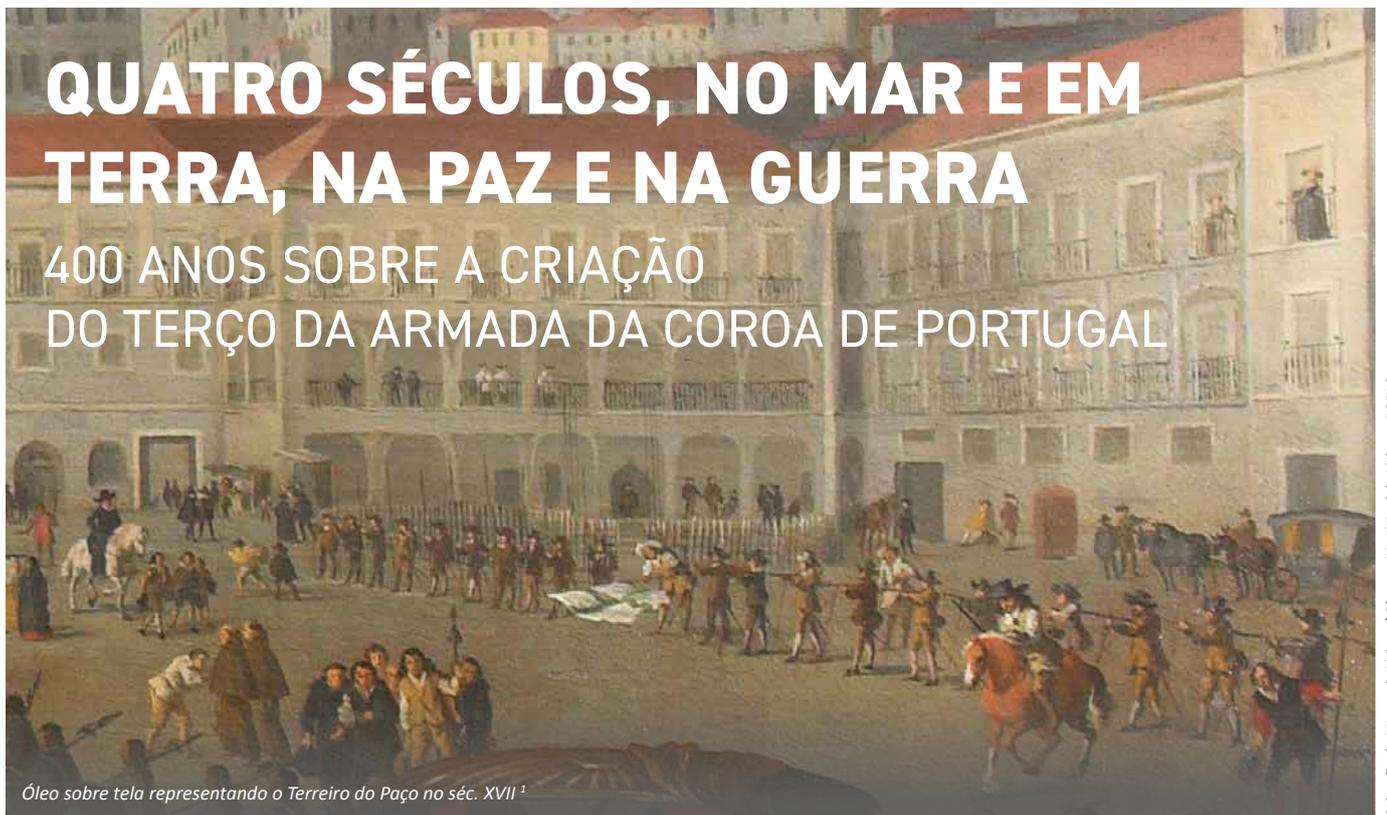


Colaboração do **CORPO DE FUZILEIROS**



Notas

¹ Em *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu.



Coleção do Museu de Lisboa / Câmara Municipal de Lisboa - EGEAC

QUATRO SÉCULOS, NO MAR E EM TERRA, NA PAZ E NA GUERRA

400 ANOS SOBRE A CRIAÇÃO DO TERÇO DA ARMADA DA COROA DE PORTUGAL

Óleo sobre tela representando o Terreiro do Paço no séc. XVII ¹

Quatrocentos anos de serviço de um corpo militar de infantaria, criado para combater a bordo dos navios, ou para desembarcar onde for necessário, projectando a qualidade do poder naval português.

ARMADA DE GUARDA-COSTA

Recuemos, pois, a esses tempos remotos, em que os navios se moviam apenas pela força do vento, protegendo o comércio e as riquezas que Portugal ia buscar aos lugares mais distantes do planeta. Tempos em que o litoral do Brasil era assolado pelas esquadras holandesas, ou que os navios de corsários esperavam vigilantes nos mares dos Açores, para apanharem uma qualquer nau desprevenida que fazia o seu caminho para o porto de Lisboa. Uma ameaça que tanto podia vir do Norte da Europa, entre holandeses e britânicos, como das potências muçulmanas do Norte de África que, a partir do século XVII, se tornaram em verdadeiros predadores do Atlântico. E remonta ao tempo de D. Manuel I o hábito de organizar uma armada de guarda-costa, a deslocar-se entre o continente e as ilhas, de forma a garantir a segurança da rota terminal das carreiras ultramarinas. Usava sempre navios com porte apreciável, dotados de artilharia e, desde sempre, uma força de infantes que pudesse usar o armamento ligeiro no combate próximo, levando-o até ao convés inimigo depois da abordagem.

Com o desenvolvimento do armamento ligeiro, a utilidade dessa força cresceu extraordinariamente, organizando-se em função das capacidades das armas que utilizava: espingardas para fazer fogo à distância, a partir dos castelos, das vergas e dos cestos dos papafigos; pistolas, espadas e piques para depois da abordagem.

RECRUTAMENTO SAZONAL

Levantavam-se, contudo, alguns problemas na forma de recrutamento deste pessoal. O mais importante deles decorre do facto de não permanecerem disponíveis durante a invernada, quando

os navios estão parados, não sendo fácil voltar a encontrá-los quando chegava a Primavera. Não tendo nenhum compromisso com as Armadas e sendo pagos apenas durante a campanha, tinham de procurar outras formas de vida e, frequentemente, deixavam de estar disponíveis no ano seguinte. Mas levantava-se ainda uma outra questão, de natureza social: sendo homens habituados a uma vida rude e perigosa, que faziam a bordo e na guerra os seus amigos, era frequente que se juntassem durante o inverno, entregando-se a distúrbios, roubos e outras formas de bandidagem. Noutras armadas, os infantes eram recrutados e mantinham-se vinculados de verão e inverno, mas isso não sucedia em Portugal, por resistências diversas que duraram até ao final do reinado de Filipe III (II de Portugal²).

D. António de Ataíde, na altura 5.º conde da Castanheira e homem com grande experiência de todos os assuntos referentes à Marinha, foi nomeado, a 3 de Julho de 1618, Capitão Geral da Armada da Coroa de Portugal por um período de três anos. Na prática isso incluiria as armadas a fazer nos anos de 1618, 1619 e 1620, requerendo-se nova nomeação para 1621. De imediato chamou a atenção do Conselho de Guerra para que o pessoal de infantaria das esquadras portuguesas, que deveria ser organizado de forma a poder servir de verão e de inverno, permanecendo aquartelado no período de não actividade. O pedido, no entanto, não mereceu a atenção régia, apesar de ter sido repetido em 1619, quando o soberano visitou Portugal.

NASCIMENTO DO TERÇO

Filipe III, porém, morreu a 31 de Março de 1621, a poucos dias do final da trégua que assinara com a Holanda em 1609. Na corte corria unânime a opinião que essa trégua não devia ser renovada, sendo urgente tomar medidas de reforço das armadas.

D. António de Ataíde estava em Madrid quando faleceu o rei, tendo consigo um conjunto de assuntos pendentes sobre a Armada de Portugal. Um deles era, naturalmente, a sua confirmação no cargo – uma vez que a anterior nomeação fora apenas por três anos – e um outro era o “batalhão de soldados” que devia ser recrutado e mantido de forma permanente.

Pode adivinhar-se a grande confusão que assolou o Real Alcazar de Madrid, nos dias que seguiram ao falecimento do rei, sabendo-se das intenções do seu sucessor quanto à guerra e quanto a muitos outros aspectos da administração, que se entendia que tinham sido descuidados pelo seu pai. D. António dá-nos disso um pequeno relato, que sobreviveu numa coleção de papéis diversos relativos à Marinha, hoje pertença da Universidade de Harvard (Houghton Library). É ele que nos revela como, no dia 18 desse mês de Abril, el-rey lhe pediu que apresentasse tudo o que tinha pendente, despachando-o em pouco mais de meia hora. Foi confirmado como Capitão Geral da Armada, agora com carácter perpétuo, autorizando as despesas para armar dez navios e levantar “um batalhão de 800 soldados pagos por todo o ano”.

Nascia, assim, o *Terço da Armada da Coroa de Portugal*, que era também a primeira unidade militar constituída com carácter permanente, não sendo desmobilizada em tempo de inactividade ou de paz. Foi criada no despacho régio desse dia 18 de Abril de 1621, completando agora quatrocentos anos de existência.

GLÓRIA E TRAGÉDIA INICIAIS

Como primeiro mestre de campo do Terço, foi nomeado D. Francisco de Almeida, que seria também o almirante da armada desse ano. Os capitães dessa armada eram, também, os comandantes das companhias de infantaria embarcadas. Naturalmente, que o Terço foi levantado de imediato, para entrar em acção na armada formada em 1621. Contudo, a sua primeira grande missão teria lugar em 1625, quando os holandeses tomaram a cidade de S. Salvador da Bahia, levando a que a Coroa organizasse uma importante expedição naval de socorro ao Brasil. Levava um contingente português e outro espanhol, que foram reunidos em Lisboa e em Cádiz, com o comando geral entregue a D. Fradique de Toledo Osório, marquês de Villanueva. A armada portuguesa foi comandada por D. Manuel de Meneses, levando o Terço da Armada e um Terço de Socorro, levantado apenas para a expedição, comandado por António Moniz Barreto.

A esquadra portuguesa saiu de Lisboa no dia 22 de Novembro de 1624, juntando-se ao contingente espanhol em Cabo Verde e seguindo para a Bahia, onde chegaram a 27 de Março de 1625, quinta-feira santa. Os navios fundearam em frente da cidade, formando uma meia lua que impedia entradas e saídas, e o desembarque começou no Domingo de Páscoa. O Terço desembarcou no dia seguinte, participando de imediato num violento combate, junto à porta de Santa Luzia, onde os arcabuzeiros obrigaram os holandeses a recuar. Os combates foram intensos e duraram mais de um mês, consumando-se a rendição holandesa a 30 de Abril.

Na sua primeira grande jornada de combate, onde desembarcava para actuar nos momentos mais decisivos da refrega, o Terço cobria-se da glória que o acompanharia em quase toda a sua existência, sempre que foi necessário actuar.

Quando a armada regressou a Portugal, D. Francisco de Almeida deixou o seu comando e foi nomeado governador de Mazagão, para onde embarcou de imediato, fazendo-se escoltar por 50 soldados do seu Terço da Armada, que regressaram depois a Lisboa. Foi substituído por António Moniz Barreto, valente mestre de campo que estivera na Bahia a comandar o Terço de Socorro e que tivera uma decisiva acção na manobra da artilharia desembarcada. Viria a morrer no grande naufrágio de 1626, ocorrido no Golfo da Biscaia, junto às praias francesas de Baione e Saint-Jean-de-Luz: um dos maiores desastres navais de toda a história portuguesa, com perdas que se comparavam com as de Alcácer Quibir. Ali perderam a vida muitos soldados, substituídos de imediato para continuarem a sua missão nas armadas, deslocando-se até aos mares do sul, sempre que foi necessário.



Bloqueio naval e início da reconquista da Bahia aos holandeses.

A – Quartel do Carmo; B – Quartel de S. Bento; F – A Armada fundeada em meia lua, em frente da cidade da Bahia; K – Posição de combate do Terço da Armada; M – Porta de Santa Luzia; V – Porto Novo

PÓS-RESTAURAÇÃO

No ano de 1640, quando o Conde de Castelo Novo foi nomeado governador do Brasil, o Terço acompanhou-o na viagem que fez até à Bahia. E essa missão fez com que não estivesse presente a quando da rebelião que aclamou D. João IV, no dia 1 de Dezembro desse ano. Mas foi com o Terço da Armada formado na praça de armas do Paço da Bahia, que ali foi aclamado o Duque de Bragança como o novo rei de Portugal.

Seguir-se-iam anos muito difíceis de uma guerra persistente nas fronteiras do Alentejo e da Beira. E o Terço ali acorreu sempre que foi chamado a isso, participando nas mais importantes e duras batalhas da *Guerra da Restauração*. Esteve na Batalha do Monti-

jo, em 1644; na defesa de Elvas, em 1645; no ataque a Badajoz no ano seguinte, cabendo-lhe a montagem das escadas de assalto; de novo na defesa de Elvas, em 1659, num momento decisivo em que a claudicação da cidade abriria as portas ao inimigo até Lisboa; esteve presente no Ameixial e na retomada de Évora, em 1663; e, finalmente, na decisiva e derradeira Batalha de Montes Claros. A campanha militar da Restauração, que garantiu a independência de Portugal e a afirmação da nova dinastia bragantina, foi mais uma das missões em que o Terço foi sempre envolvido com um protagonismo notável. E alternou sempre as operações em terra, com o embarque anual na esquadra – porque era do mar que vinham os meios financeiros indispensáveis à continuação da guerra –, com duas campanhas no Brasil e a participação numa expedição luso francesa contra uma fortaleza espanhola na ilha de Elba (1646).

A paz foi assinada em 1667, quando reinava já D. Afonso VI, apesar das controvérsias de que foi acompanhada a sua subida ao trono. Nesse ano deu-se o golpe palaciano que lhe retirou o poder, substituindo-o com regência do príncipe D. Pedro, mais tarde rei D. Pedro II. O Terço não estava em Lisboa quando isso aconteceu, mas foi chamado de imediato e, em 5 de Abril de 1668, foi encarregue, por alvará, da guarda pessoal do Príncipe. Esta circunstância fez com que passasse a ser chamado, de forma comum, por Regimento do Príncipe, alternada com a de Terço da Armada. Ia caindo em desuso a expressão (e a organização) “terço”, que fora herdada das infantarias espanholas, e, em 1707, D. João V vai consagrar o termo Regimento da Armada.

DE REGIMENTO DA ARMADA A CORPO DE MARINHEIROS, PASSANDO PELA BRIGADA REAL DE MARINHA

Vai longa esta história do Terço da Armada da Coroa de Portugal, a infantaria da Marinha criada por Filipe IV, que completava quase um século de existência, quando foi reestruturada por D. João V. Viviam-se um tempo em que a soberania e prosperidade de Portugal eram vistas como dependendo do seu poder naval, para garantir a segurança do comércio ultramarino. Por isso, o primeiro regimento da armada viria a ser aumentado para três regimentos – dois de infantaria e um de artilharia – e, em 1797, foi criada a estrutura que os juntava na Brigada Real de Marinha. Foi seu primeiro “inspector” (comandante) o Almirante Marquês de Niza, que partiu para o Mediterrâneo poucos meses depois da sua nomeação, comandando uma esquadra que foi apoiar Nelson, em Nápoles e no cerco de Malta.

Não é possível fazer aqui a história da Brigada, nem das unidades que lhe sucederam no século XIX, como foi o Batalhão Naval e o Corpo de Marinheiros Militares, em 1851. Especialmente esta última unidade, que teve uma vida longa, interrompida pontualmente por pequenos hiatos, tem uma história complexa que espelha a evolução da Marinha Portuguesa, do tipo de navios que foram surgindo e das suas exigências, bem como da evolução do combate naval até ao século XX. Foi do Corpo de Marinheiros que saíram as forças de infantaria que estiveram em África nas campanhas de ocupação territorial, tal como foi ali também que se organizaram os batalhões expedicionários que combateram em Angola e Moçambique, no contexto da Grande Guerra (1914-18). Contudo, nem sempre estiveram constituídas unidades de infantaria, embora elas tenham sido recuperadas inúmeras vezes, para missões diversas. Nos últimos tempos da sua existência, o Corpo tinha funções diversas, de gestão de pessoal, de instrução e de aprontamento, que vieram a ser assumidas pela nova estrutura da Marinha, começada na segunda metade dos anos cinquenta do século XX.

FUZILEIROS

A Marinha preparava-se para um conflito que entendia como previsível e que, efectivamente, veio a acontecer a partir de 1961. Uma preparação progressiva, onde teve cabimento a reactivação dos fuzileiros, que surgem agora com novas capacidades ditadas pelas condições da guerra subversiva. Agora preparados para um novo tipo de guerra, com capacidades de combate nas regiões tropicais, em zonas onde os rios eram um importante meio de comunicação e a selva o seu teatro de operações. Nasceram assim os novos fuzileiros, organizados em destacamentos de fuzileiros especiais, ou companhias de fuzileiros navais, cuja capacidade e sucesso me dispense de desenvolver agora. São conhecidas as suas glórias, obtidas nos teatros de Angola, Guiné e Moçambique, desde 1961 até ao fim do conflito em 1974. E são esses mesmos fuzileiros que, agora, se ajustam ao novo contexto militar nacional, reorganizando-se em 1976 e preparando-se para ser o componente anfíbia da Marinha Portuguesa. Preparando-se para ser o elemento de projecção do poder naval, do mar para a terra, determinante em qualquer marinha do mundo.



Colaboração do **CFR Semedo de Matos**

N.R. O autor não adota o novo acordo ortográfico.

Notas

¹ Excerto da pintura a óleo do Terreiro do Paço (1662), do holandês, Dirk Stoop. Quadro da coleção do Museu de Lisboa – núcleo Palácio Pimenta - constituindo um importante testemunho da sociedade da época. Realce para a guarda-real – o Terço da Armada da Coroa de Portugal - a prestar honras à chegada do Embaixador Extraordinário de Portugal em Londres, após a assinatura do Tratado de Whitehall (1661).

² O autor utilizará sempre as designações de Filipe III e Filipe IV (II e III de Portugal), por serem as mais conhecidas internacionalmente.

FUZILEIROS 400 ANOS

BRAÇ ÀS ARMAS FEITO



Em 18 de Abril de 2021 celebraram-se 400 anos sobre a data que temos como referência para a constituição do Terço da Armada da Coroa de Portugal, o mais remoto antepassado dos Fuzileiros da atualidade. Por esse motivo foi “desenhado” um planeamento abrangente, projetado para decorrer ao longo de 365 dias, onde serão desenvolvidas diversas ações de índole militar, cultural, social e desportiva, destacando-se a Cerimónia Militar de encerramento das atividades, uma Conferência na Escola Naval e exposições temporárias e itinerantes.

Para registar a data, o Corpo de Fuzileiros (CF) realizou no passado dia 18 de abril, na Escola de Fuzileiros (EF), um conjunto de atividades, marcando assim o início das comemorações que decorrerão ao longo de um ano.

O dia, repleto de emoções, ficou marcado pela presença do CEMA, ALM Mendes Calado. Inicialmente, e junto ao Monumento ao Fuzileiro, tiveram lugar as cerimónias de homenagem aos mortos em defesa da Pátria, com a deposição de uma coroa de flores e o



çar da bandeira comemorativa dos 400 anos dos Fuzileiros¹. A Guarda de Honra ao Içar da Bandeira foi constituída por militares que envergavam os uniformes do Terço da Armada da Coroa de Portugal, da Brigada Real de Marinha, de campanha da Guerra Colonial, e da atualidade.

Seguiu-se uma missa celebrada na Capela da EF por Sua Excelência Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, D. Rui Manuel Sousa Valério. Mais tarde, no Museu do Fuzileiro, realizaram-se o Lançamento do Livro "FUZILEIROS – 400 Anos de Memórias" e a apresentação do relógio comemorativo dos 400 anos dos Fuzileiros.

O evento terminou com um almoço dirigido a um grupo restrito de convidados, em que todas as normas de segurança foram asseguradas.





FUZILEIROS – 400 ANOS DE MEMÓRIAS

O livro “FUZILEIROS 400 anos de Memórias”, da autoria de Paulo Santos e José Cabrita, apresentado a 18 de

abril em cerimónia realizada no Museu do Fuzileiro tem, entre outros méritos, o de nos trazer, sobretudo através de imagens, a história da nossa família, a família militar, da sua Infantaria e dos seus Fuzileiros a que com muito orgulho muitos de nós pertencemos.

O livro contém mais de 600 gravuras, fotografias, mapas e desenhos, coligidos, seleccionados e criteriosamente organizados em 272 páginas, segundo as épocas e as diferentes Organizações que se foram sucedendo.

Passamos deste modo a ter uma visão muito mais clara do historial de períodos áureos, de grandes feitos de armas e, como seria de esperar, das vicissitudes porque passaram os que nos antecederam. Houve igualmente períodos em que Portugal não pôde contar com esta componente operacional. Períodos houve em que a Infantaria Naval esteve ausente. Deixou de existir, foi extinta.

Sabemos bem que uma Marinha não se organiza de um dia para o outro e que gente familiarizada com a vida a bordo, especializada para o desembarque e manobra em terra, também não é possível preparar tão rapidamente.

Não fora a visão e a determinação do Almirante Roboredo e Silva ao criar condições para que Portugal e a sua Marinha voltassem a ter os seus Fuzileiros e a participação da Marinha no esforço de guerra em África teria ficado tremendamente diminuída.

O conhecimento da História permite-nos compreender bem melhor a herança de que somos “fiéis depositários”, orgulhando-nos do nosso passado, preparando-nos no presente para melhor agirmos no futuro.

Os autores deste livro, pelo conhecimento muito completo e sistematizado que trouxeram à nossa história, são bem merecedores da nossa gratidão.



Colaboração do **CMG FZ REF Rocha e Abreu**



RELÓGIO COMEMORATIVO

A Associação de Fuzileiros foi convidada, aceitou e assumiu a responsabilidade de providenciar um “relógio comemorativo” alusivo a este momento único na história dos Fuzileiros, marcando uma data e servindo como mais um instrumento de coesão dos militares da Marinha Portuguesa.

Depois de um percurso que contemplou a seleção do fornecedor e a escolha de uma raridade de grande qualidade (SWISS MILITARY) e elevado nível de personalização, e sobretudo, ao alcance de todos, conseguiu-se fazer o seu lançamento e entrega a todos aqueles que decidiram pela sua aquisição, exatamente no dia 18 de abril, “Dia do Corpo de Fuzileiros”. Trata-se de um “símbolo” que, entre outros,

pretendeu marcar o dia e a hora daquele momento muito importante para a Marinha e para os seus Fuzileiros.

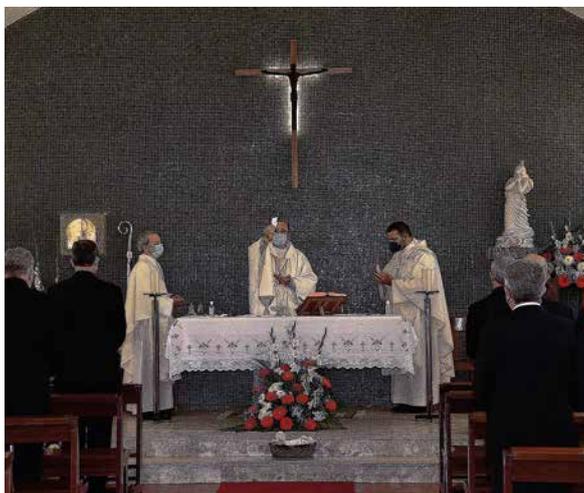
Porque este lançamento decorreu no Museu do Fuzileiro, local histórico e fiel depositário de muitas das nossas memórias coletivas, pareceu-nos adequado deixar ali o relógio n.º 1 desta série especial limitada. Esta oferta, sentida, da Associação de Fuzileiros, foi entregue pelo Presidente da Direção Nacional, em nome de todos os associados, ao Comandante do Corpo de Fuzileiros, em nome de todos os Fuzileiros.



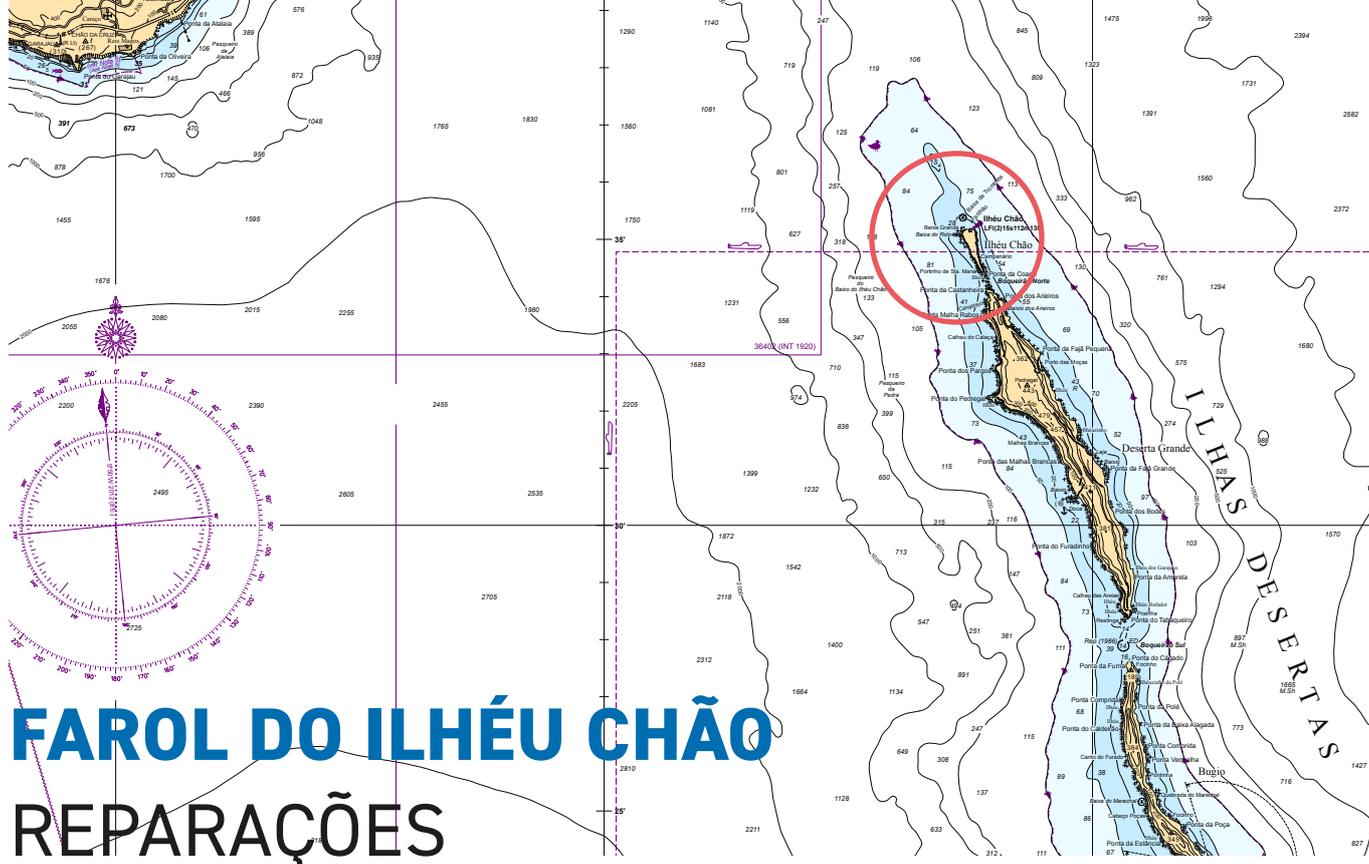
Colaboração do **CMG FZ RES Leão de Seabra**

Notas

¹ Exemplares desta bandeira permanecerão içados durante um ano no CF no Alfeite, na EF, na Base Naval de Lisboa, na Unidade de Apoio às Instalações Centrais de Marinha e na Comissão Cultural de Marinha.



Fotos SAJ ETC-Silva Parracho



No extremo norte do Ilhéu Chão, pertencente às Ilhas Desertas, no arquipélago da Madeira, ergue-se um farol composto por uma torre cilíndrica com 14 metros de altura e um pequeno edifício na sua base. Este farol entrou em funcionamento a 1 de agosto de 1959, sendo nessa época equipado com uma lanterna dióptrica de 4.ª ordem; sofreu modernizações nos anos de 1986 e 1990. Um dos temporais que, em dezembro de 2020, assolou o arquipélago da Madeira, deixou um rasto de destruição no Ilhéu Chão. A elevada força do vento que assolou o local levou à degradação dos painéis solares do farol, bem como da respetiva estrutura de apoio e instalação elétrica, deixando-o inoperacional. Tal como relatado na edição n.º 562 da RA, no artigo sobre a comissão na Zona Marítima da Madeira do navio patrulha costeiro *Douro*, prontamente a Direção de Faróis (DF), no âmbito das suas competências e responsabilidades, empreendeu todos os esforços para reacender o Farol do Ilhéu Chão, podendo doravante cumprir com a sua missão no âmbito da segurança da navegação.

COMO REPARAR A OPERACIONALIDADE



Após verificação, análise de danos e levantamento de necessidades, concluiu-se que os danos eram irreparáveis localmente.

Para repor a operacionalidade do farol, eram necessários dois novos painéis solares, três baterias e um regulador solar, bem como a manufatura de caixas de transporte para acomodar os painéis solares em segurança. Esse material teve que ser providenciado pelo Serviço de Eletrotécnica, em colaboração com a Divisão de Logística da DF.

Foi ainda necessário efetuar uma nova estrutura de apoio – desenhada pelo Serviço de Eletrotécnica da DF tendo sido depois executada por uma empresa local na Ilha da Madeira – para instalar todo o novo conjunto no Farol do Ilhéu do Chão.

TRANSPORTE DO MATERIAL

Houve que empenhar a Unidade Naval em missão na Zona Marítima da Madeira – o NRP *Douro* – em três fases distintas: na primeira fase, para o transporte dos faroleiros que foram observar os danos e o levantar as necessidades; numa segunda fase, para a recolha de todo o material danificado; e por fim, numa terceira fase, para o transporte dos faroleiros, bem como de todo o material necessário para efetuar a reparação.

Um dos grandes desafios acabou por ser o transporte de todo o material na Ilha. A distância entre o local de desembarque e o Farol é de, aproximadamente, 1600 metros; havia, porém, que transpor uma enorme ravina, com cerca de 100 metros de altura. As dificuldades de acesso ao farol obrigaram a um esforço acrescido.

Tão exigente tarefa – o transporte pedonal de todo o equipamento e das ferramentas necessárias para efetuar a nova montagem – foi levada a cabo por três elementos da equipa de balizagem do Funchal, um elemento do Farol da Ponta do Pargo, e por elementos da guarnição do NRP *Douro*.

CONCLUSÃO

Os danos no farol foram reparados com a brevidade possível, uma vez efetuado o levantamento das necessidades e garantidas as condições meteorológicas e oceanográficas para o desembarque do material pesado necessário. A logística missão não foi fácil, pois devido à sua localização geográfica e ao relevo acidentado, o transporte do material para o topo da ilha requereu muito trabalho e um esforço denodado dos intervenientes – marinheiros do NRP *Douro* e faroleiros.

A DF deixa uma palavra de agradecimento a todos os intervenientes neste processo, em especial aos que, de forma exemplar, voltaram a colocar o Farol do Ilhéu Chão operacional, mantendo a luz necessária para a segurança dos marinheiros que navegam nestas águas.



Estado do material após os temporais



Novo material após a conclusão da montagem



Ravina por onde se processou o transporte, pelos faroleiros e pela guarnição NRP Douro, de todo o material, desde o local de desembarque até ao farol



FAROL ILHÉU CHÃO

LFI (2) W 15S (LT 2S; EC 2S; LT 2S; EC 9S)

Torre cilíndrica em betão, de cor branca, com 14 metros altura, encimada por lanterna vermelha, elevando-se a 112 metros acima do nível médio das águas do mar na parte mais alta do Ilhéu Chão, parte das Ilhas Desertas do arquipélago da Madeira.

O farol entrou em funcionamento em 1 de agosto de 1959; foi então equipado com uma lanterna dióptrica de 4.^a ordem, utilizando como fonte luminosa a incandescência a gás acetileno. Um conjunto de 10 garrafas de gás, em rampa, estavam permanentemente ligadas ao coletor, garantindo assim uma certa autonomia.

Contíguo à torre foi construído um edifício anexo que albergava um guincho mecânico e um pau de carga (para o içar, não só do material que foi necessário para as construções, mas também das garrafas até ao farol) e ainda uma reserva de 15 garrafas de gás. Na altura, sempre que se abastecia o farol com gás, era necessário contratar cerca de 10 homens para ajudarem no transporte, vereda íngreme acima, geralmente de 25 garrafas carregadas de gás, e vereda abaixo outras tantas, mas vazias.

Em 25 de Agosto de 1986 o gás foi substituído pela energia solar, com a montagem de quatro painéis solares M51, um regulador “Arco Solar” de 30 Amperes e cinco baterias “Tudor Solar E120”; a fonte de luz passou a ser à base de lâmpadas de halogéneo 12V/50W. Na altura foi montado um eclipsor Sírius, que foi substituído por um Elco 12 em janeiro de 1990, data em que o farol passou também a dispor de um conjunto de 4 baterias de reserva.

Sob o ponto de vista luminoso, caracteriza-se por dois relâmpagos longos¹ de luz branca, visíveis num arco de 360º (sem obstruções) em períodos de 15 segundos: **Lt 2s; Ec 2s, Lt 2s; Ec 9s**. Ou seja, cada flash de luz é visível durante 2 segundos, sendo o intervalo entre *flashes* de 2 e 9 segundos respetivamente.

Dada a altura do farol e a sua potência luminosa, tem um alcance de 13 milhas náuticas (24Km).

Além da erosão e do desgaste normal das estruturas e sistemas instalados num meio tão inóspito e desabrigado, os temporais de meados de dezembro levaram à inoperacionalidade do farol entre 17 de dezembro de 2020 e 5 março de 2021.



Colaboração da DIREÇÃO DE FARÓIS

Notas

¹ Emissão luminosa igual ou superior a 2 segundos.

ENTREGAS DE COMANDO/TOMADAS DE POSSE SUPERINTENDENTE DO MATERIAL

No dia 29 de março, na Casa da Balança, tomou posse como novo Superintendente do Material (SM) o VALM Bastos Ribeiro, que rendeu no cargo o VALM Coelho Cândido, tendo, no período entre 8 e 28 de março, o cargo sido desempenhado pelo Diretor de Navios, CALM Jorge Pires, em regime de suplência.

A cerimónia, presidida pelo CEMA/AMN, ALM Mendes Calado iniciou-se com a condecoração do VALM Coelho Cândido. De seguida, e após a leitura da Ordem de serviço com a nomeação, o empossado fez uma alocução referindo que a sua ação será de continuidade do trabalho desenvolvido pelo seu antecessor, salientando que *“continuaremos a melhorar a nossa resposta, em estreita colaboração com todos os setores”*.

O novo SM realçou, ainda, os diversos projetos desafiantes que a Marinha tem pela frente, num contexto de significativas restrições orçamentais e dificuldades de financiamento, e a necessidade de efetuar uma gestão rigorosa dos recursos atribuídos, por todas as áreas do setor, melhorando os sistemas de informação de apoio. Dirigiu-se, ainda, ao setor referindo que *“conto com o vosso apoio e elevado profissionalismo, competência, dedicação, motivação e espírito de missão, que sobejamente têm revelado, e estou certo de que em conjunto conseguiremos superar os desafios que temos pela frente, cientes de que o nosso setor é crítico para o cumprimento das missões da Marinha e da Autoridade Marítima Nacional.”*

Antes da finalização da cerimónia, usou da palavra o ALM CEMA; dirigindo-se ao VALM Coelho Cândido, salientando a forma rigorosa e pragmática como abordou a missão, sem descuidar uma visão abrangente e orientada para o futuro, e agradeceu a forma muito competente, rigorosa e dedicada como exerceu o cargo de SM e, ainda, o de Presidente do Conselho Superior de Disciplina da Armada.

Ao novo SM, o ALM CEMA traçou as prioridades para a sua comissão, com destaque para a execução do programa de construção dos seis NPO, a disponibilidade operacional dos navios de patrulha costeiros da classe Tejo, a substituição do reabastecedor de esquadra, o programa de modernização das *Vasco da Gama*, a substituição das lanchas de fiscalização rápidas e o incremento da captação de fontes supletivas de financiamento, bem como a diminuição do elevado défice de manutenção das unidades navais, o reforço das capacidades de manutenção de 2.º escalão, a consolidação de uma cultura de inovação e a maximização da disponibilidade dos recursos do material.

O ALM CEMA fez ainda saber que considera determinante a consolidação de um modelo de relacionamento com a Arsenal do Alfeite, SA, que permita melhorar o alinhamento da matriz de interesses das duas organizações e a qualidade dos serviços prestados na manutenção da esquadra.



Fotos SAJ ETC-Silva Parracho

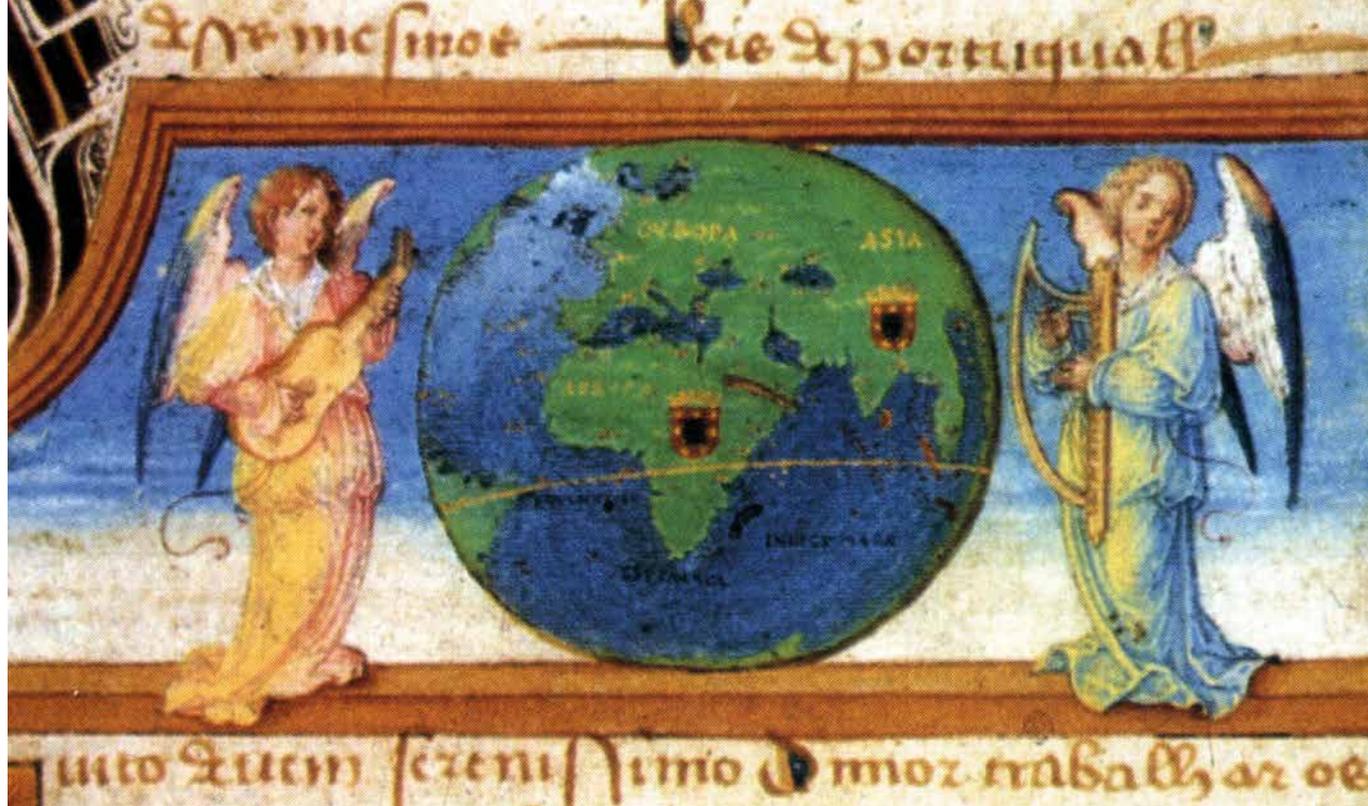
O VALM Edgar Marcos de Bastos Ribeiro nasceu em Lisboa a 8 de maio de 1960; entrou para a EN em 1977, concluindo o Curso em 1982; foi promovido ao atual posto em 23 de março de 2016.

Como GM, foi oficial imediato do NRP *Quanza*; posteriormente comandou o NRP *Dom Jeremias*, o NRP *Limpopo* e o NRP *Zaire*; prestou serviço no NRP João Roby, no NRP *Comandante Sacadura Cabral* e no NRP *Roberto Ivens* e foi oficial imediato do NRP *Corte Real*. Participou em diversos exercícios nacionais e NATO, incluindo três STANAVFORLANT, na operação *Determined Force* no Mar Adriático e no processo de paz na Guiné-Bissau em 1998.

Em terra prestou serviço na Escola de Eletrotécnia, na Divisão de Pessoal e Orga-

nização do Estado Maior da Armada (EMA), no Gabinete de Estudos e Planeamento da Direção de Serviço de Pessoal, na Representação Militar de Portugal junto da NATO e da EU em Bruxelas; foi ainda Chefe do Centro de Estudos de Pessoal do gabinete do Superintendente de Pessoal, Chefe da Divisão de Logística do EMA, Diretor do Serviço de Formação e, já como Almirante, Comandante da EN, Comandante do Instituto Universitário Militar e Comandante Operacional dos Açores.

Possuiu, entre outros, a especialização em Eletrotécnia, os Cursos Geral e Complementar Naval de Guerra, no ISNG, o Curso de Estados-Maiores Conjuntos no IDN, o *Senior Course 106*, no Colégio de Defesa NATO e o Curso de Promoção a Oficial General, no IESM.



O hemisfério de Portugal segundo o Tratado de Tordesilhas, numa representação muito semelhante ao mapamundo "neo-ptolomaico" do "Atlas Miller", e também da autoria do mesmo António de Holanda, na Crónica de Duarte Galvão, e também datável de c.1519 (Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto)

O ATLAS FEITO PARA TENTAR CONTRARIAR A VIAGEM DE FERNÃO DE MAGALHÃES

2ª PARTE ¹

O "Atlas Miller" havia sido considerado desde sempre o mais famoso da cartografia mundial da época dos Grandes Descobrimientos Geográficos, e a jóia principal do Département des Cartes et Plans da Bibliothèque nationale de France. Mas estava à espera de ser decifrado — compreendido, e explicado —, na sua verdadeira natureza, na sua motivação, e na sua razão de ser.

Por isso os estudos que acompanharam em 2006 a réplica "quasi-original" criada em 2003 em Barcelona por Manuel Moleiro Editor trouxeram novidades extraordinariamente surpreendentes e que iluminaram com nova luz, e mudaram para sempre, não somente o que até então se sabia acerca dessa obra-prima da Cartografia e da Arte do Renascimento, mas também, a nível mais geral, o que até então se sabia, ou julgava saber, acerca das origens e dos inícios da Cartografia dos Descobrimientos Portugueses (séculos XV-XVI). Quanto a essa Cartografia, foi aprofundada a análise da sua primeira "escola" familiar conhecida, a "escola" constituída por Pedro Reinel e o seu filho Jorge Reinel, e concluiu-se que esses dois homens — os mais antigos cartógrafos efectivamente conhecidos de Portugal, dos Descobrimientos Geográficos e da Expansão Colonial Europeia — eram portugueses com origens étnicas em alguma medida africanas (!) e que, por isso, eram referidos pelos seus compatriotas de então como sendo "negros" [sic].

UM LUXUOSO INSTRUMENTO DE CONTRA-INFORMAÇÃO GEOPOLÍTICA E GEOESTRATÉGICA (CONT.)

Como o signatário mostrou em 2005-2006 em Coimbra e Barcelona, seria absolutamente incompreensível que os Portugueses, que desde os anos 80 do século anterior (com resultados visíveis nas cartas de Martellus de 1489-1490) e depois sobretudo nas primeiras décadas desse século (com resultados ainda mais visíveis nos celeberrimos mapas de 1507 e de 1513 de Waldseemüller) haviam sido os principais agentes da ultrapassagem da geografia tradicional ptolomaica (originando, em vez dela, com "Tabulae Modernae", aquilo que já foi chamado a "cartografia luso-alemã"), viessem depois a regressar (!) neste exemplar de

1519 conspíquo e luxuosíssimo, de "Cartas para Príncipes", que é o "Atlas Miller".

Seria legítima e sincera essa regressão? Ou seria um deliberado e consciente ludíbrio, uma mistificação geográfica, cozinhada para fins geopolíticos de intoxicação alheia? A resposta é óbvia. E nada disto foi por acaso. Esta mesma estranha cosmovisão aparece defendida por Duarte Pacheco Pereira, antigo colaborador do Rei português D. João II (que, ao seu serviço, havia mesmo estado presente, em 1494, na celebração do Tratado de Tordesilhas...) e que, entretanto, havia passado para o serviço do novo Rei D. Manuel. Defendeu, surpreendentemente, isso mesmo, e pelas mesmas razões, num seu manuscrito intitulado "De Situ Orbis" (com título simplesmente igual ao da obra original de Pompónio

Mela, mas que, devido a um simples e anedótico equívoco de leitura e de transcrição de um copista do século XVIII, equívoco que em Portugal tudo e todos aceitaram, e ainda ninguém tinha compreendido e explicado, passou a ser chamado "Esmeraldo [!] de Situ Orbis").

O "Atlas Miller" foi a última tentativa portuguesa para tentar impedir o projecto de navegação para o Oriente através do Ocidente. O antigo projecto de 1474 de Paolo dal Pozzo Toscanelli e de Fernão Teles de Meneses (no seguimento do projecto ocidental anterior, também ele da Casa de Coimbra, de João Vogado em 1462, depois continuado pelos projectos ocidentais seguintes, os do flamengo Fernão Dulmo e do alemão Martin Behaim em 1486 e em 1492, ambos ao serviço do Rei D. João II que era o neto e herdeiro político do antigo Regente Infante Dom Pedro de Coimbra).

O antigo projecto ocidental de 1474 de Toscanelli e de Fernão Teles de Meneses... o projecto de que o genovês Cristóvão Colombo depois se apropriou, enquanto esteve em Portugal, e que, em 1492-1493, tentou realizar ao serviço dos Castelhanos. Mas em que falhou...! Pois só encontrou, em vez disso, uma terra desconhecida, com indígenas seminus que, obviamente, não eram Indianos².

O projecto ocidental... cuja forma final e definitiva estava a ser preparada nesta mesma época, em 1519, em Sevilha, para a Coroa de Castela, pelo português expatriado Fernão de Magalhães (sucendo ao português expatriado João Dias de Solis... que havia morrido, em 1516, no Rio da Prata, em busca dessa mesma passagem pelo Ocidente...). Mais um navegador experiente passado para o serviço do país vizinho (mais um, experiente, por ser provindo de Portugal, tal como o genovês Colombo...), e acompanhado de algumas dezenas de outros portugueses.

O "Atlas Miller" foi feito para tentar desacreditar o projecto de 1518-1519 de Magalhães. Mas não teve êxito, pois a viagem foi mesmo feita, em 1519-1522.

A VIAGEM DE FERNÃO DE MAGALHÃES, TERMINADA POR JUAN SEBASTIÁN ELCANO (1519-1522)

A expedição castelhana que executou com êxito essa missão de chegar às Molucas pelo Ocidente (pelo hemisfério castelhano, respeitando o Tratado de Tordesilhas) foi comandada pelo português Fernão de Magalhães, um veterano do Oriente, onde tinha servido até mesmo sob as ordens do maior dos capitães portugueses, o "Terrível" Afonso de Albuquerque (que, depois de ser membro da guarda pessoal do "Príncipe Perfeito" D. João II, e estar com ele até ao momento da sua morte, tinha, no reinado seguinte, como governador da Índia, sido o "Leão dos Mares" no Índico, e entretanto já havia falecido em 1515).

O "Fernando", ou (socialmente, só) "Fernão", de Magalhães, originário do Norte de Portugal (tal como a maioria esmagadora dos navegadores portugueses), depois de ser maltratado em Portugal, havia-se passado para o serviço do reino vizinho em 1517. A empresa foi preparada por Magalhães, Rui Faleiro e os cartógrafos Jorge Reinell e Diego Ribeiro (Ribero), todos portugueses. A esquadra de cinco navios, velhos e remendados, partiu em 1519 e, numa incrível aventura de esforço e determinação (a maior aventura de sempre...?), fez a descoberta do Estreito de Magalhães, atravessou o Pacífico inteiro, e chegou às Filipinas, onde o capitão foi morto num recontro fortuito com os nativos. Só um dos navios, comandado por Juan Sebastián Elcano, basco de Guetaria, conseguiu completar o regresso, fazendo, pelo inverso, subrepticamente, a rota portuguesa do Cabo da Boa Esperança, e assim, em 1522, com grande dificuldade, conseguiu ser o único a voltar a Castela (os Portugueses aprisionaram no Oriente o único

outro navio que havia sobrevivido). Assim foi feita a primeira circum-navegação da Terra, durante três anos, por uma expedição castelhana em que inicialmente eram portugueses não somente o comandante mas também os principais pilotos e técnicos náuticos, como João Lopes de Carvalho, João Serrão, Estêvão Gomes, Álvaro de Mesquita, Duarte Barbosa, Vasco Galego (e talvez João Rodrigues de Mafra), e dezenas de outros tripulantes (alguns, disfarçando a sua origem). E, logo em 1520, Magalhães (certamente mal visto por alguns elementos da tripulação, também por causa de ser um português comandando castelhanos) teve que enfrentar uma sublevação e uma tentativa de abortar a missão e voltar para casa. Tentativa que reprimiu com exemplar dureza, apesar de ser encabeçada nem mais nem menos do que por um outro comandante (vedor), que também ia a bordo e que ninguém ignorava que era provavelmente um filho, bastardo, do então todo-poderoso, nas navegações castelhanas, Bispo Juan Rodríguez de Fonseca (e tentativa em que também esteve implicado o mesmo Juan Sebastián Elcano que, no fim, em 1522, viria a ser um dos dezoito sobreviventes, e por isso viria a ser considerado o comandante final).

A viagem de circum-navegação de Magalhães e Elcano era um tema muito estudado, e no qual, por conseguinte, parecia não haver, desde há muitos anos, grandes novidades na historiografia. Por isso os novos e sensacionais aspectos revelados desde 2005-2006 em Coimbra e Barcelona — os da sua surpreendente relação, íntima e indissociável (contraditória), com o celeberrimo Atlas conservado em Paris — ficaram como novas contribuições para a história dessa maior e mais difícil de todas as viagens de descobrimento geográfico.

A viagem que, agora, em 2019-2022, está a ser mundialmente comemorada.



As cobiçadas Ilhas das Especiarias (Molucas) no "Atlas Miller", com a sua legenda e a sua bandeira portuguesa... E com uma miríade de ilhas e recifes, a Leste, para mostrar ser impossível qualquer acesso alheio vindo desse lado... (BnF, Paris)

UM "LIVRO DE HORAS TROPICAL"... NUMA EUROPA TROPICAL (PORTUGAL EM 1519)

Na cidade cosmopolita dos comércios transoceânicos, na Lisboa de então (onde foi assinado e datado o mapamundo, e provavelmente terá sido feito o "Atlas Miller" inteiro), tal como nas regiões pioneiras dos "Descobrimentos Portugueses" de Montemor-o-Velho e da Beira Litoral (de onde é, comprovadamente, originário o ramo europeu dessa família de escudeiros do Ducado de Coimbra chamados Reinel), era já então significativa a presença ultramarina e exótica extra-europeia, de homens, marfins, jacarés, especiarias e produtos agrícolas, etc.. Não terá sido por acaso que António de Holanda, em 1519, no mapamundo que serve de frontispício ao seu "Atlas Miller", em vez de desenhar as cabeças dos ventos, nas quatro direcções, sob a forma de "putti" tradicionais (como era habitual na cartografia ptolomaica e na arte italiana), as desenhou sob a forma, exótica, de quatro jovens africanos (!). Tal como, nessa mesma época, em Montemor-o-Velho, c.1515, não foi por acaso que no túmulo do velho Diego de Azambuja — o comandante dos navegadores Diego Caaou ou Bartolomeu Dias, o construtor, para o Rei D. João II, do célebre Castelo da Mina (no actual Gana), de onde veio para os Portugueses a grande prosperidade do seu ouro da Guiné — foi esculpida uma impressionante imagem de um jovem escudeiro, em funções de estribeiro, acompanhando na morte o seu senhor (ou o seu pai...?), com feições africanas.



Uma das cabeças soprando os ventos no "Atlas Miller" (BnF); e pormenor do túmulo de Diogo de Azambuja, no Convento dos Anjos, em Montemor, c.1515, com a figura do jovem luso-africano que, anos antes, em 1508, havia sido morto ao seu lado, em Safim, no Norte de África (fotografia de Alfredo Pinheiro Marques; CEMAR, Figueira da Foz)

O "Atlas Miller" criado em Portugal em 1519 é uma espécie de (estranho) "Livro de Horas tropical"... Talvez, já, um exemplo de "luso-tropicalismo", criado com participação do flamengo (ou francês?) António de Holanda (o antepassado dos notáveis Holandas que, depois, ao longo dos cinco séculos seguintes, iriam continuar a aparecer na História portuguesa e brasileira). Um "luso-tropicalismo" quinhentista, que não esperou pelo sociólogo do século XX Gilberto Freyre...

O exotismo ultramarino, no Portugal do Rei D. Manuel, nos inícios do século XVI, estava por todo o lado. Até no conhecido quadro a óleo da Adoração dos Magos trazendo as suas oferendas, de c.1506, proveniente do retábulo da Sé de Viseu, para além da habitual presença do Rei Mago negro Baltasar (que está lá, como sempre, sob a forma de um velho negro, de frente encanecida), um dos outros Reis Magos é representado sob a forma inovadora

de um jovem índio do Brasil (!), com o exotismo das suas penas (sempre por isso muito citado e apontado na bibliografia publicada), e o terceiro Rei Mago — embora, surpreendentemente, até hoje não tenha sido como tal identificado, nos estudos biográficos, e na História da Arte Portuguesa (e só agora o vá ser, aqui, pelo autor destas linhas) — é, sem qualquer margem de dúvida, nem mais nem menos do que o próprio jovem Rei português desse tempo, D. Manuel (!), com a sua então tão característica boina preta com uma jóia (a mesma boina preta com que aparece na iluminura da primeira página do Livro I de Além-Douro da "Leitura Nova", e na iluminura de António de Holanda na primeira página da Crónica de D. Afonso V de Rui de Pina). E a quarta figura, o encomendador do quadro (como tal representado tradicionalmente ajoelhado aos pés do Menino) é, muito provavelmente, o cosmógrafo da navegação astronómica portuguesa do tempo do Rei Dom João II, Diego Ortiz de Vilhegas (o "licenciado Calçadilha"), o qual, nesta época, no reinado de D. Manuel, havia sido feito Bispo de Viseu, e por isso aí implementou um importante programa artístico e arquitectónico.



Pormenor da adoração dos Reis Magos, da Sé de Viseu (escola de Grão Vasco), sendo um deles o então jovem Rei D. Manuel, outro um indígena do Brasil, e outro um Rei negro; e a quarta figura, provavelmente, o cosmógrafo Diego Ortiz de Vilhegas (Museu Grão Vasco)

O EXCEPCIONAL SIGNIFICADO GEOGRÁFICO DO "ATLAS MILLER"

Quanto ao excepcional significado geográfico do "Atlas Miller", a tese que desde 2005-2006 foi exposta, pelo signatário destas linhas, foi a de que o "Atlas Miller" é um enganador instrumento de contra-informação geopolítica e diplomática. É a expressão gráfica da visão geoestratégica planetária portuguesa (para enfrentar a visão castelhana), pois a estranha concepção "neo-ptolomizante" que ostenta, do mar como "stagnon" (os oceanos envolvidos pelas terras, a continentalidade do Novo Mundo ligado a uma mítica Terra Austral), convinha aos Portugueses, em 1519, porque fazia crer que não era possível navegar e atravessar, de Ocidente para Oriente, pelo outro lado do planeta (fazer o que Colombo tentou infrutiferamente fazer em 1492, e Magalhães depois realizou com êxito em 1519-1521). Por isso, os Portugueses, ostensivamente, luxuosamente, oficialmente, aceitaram e divulgaram tal concepção errónea, e ofereceram este luxuoso exemplar em que a plasmaram.

A expressão latina tradicional é "timeo Danaos et dona ferentes". Mas, neste caso, poder-se-ia dizer "temei os Portugueses quando eles oferecem cartografia"...

Luxo artístico, ostensivo, para tentar disfarçar o logro geográfico, subreptício.

Os Portugueses fizeram isso ao longo do reinado do "Venturoso" Rei Manuel; e, perto do fim, em 1519, continuavam a fazê-lo. Fizeram-no com Duarte Pacheco Pereira, c.1505-1508, no seu "De Situ Orbis"; fizeram-no com a iluminura do célebre globo terrestre do hemisfério de Portugal segundo o Tratado de Tordesilhas, na luxuosa iluminura de c.1519 na Crónica de Duarte Galvão, a obra-prima cuja autoria foi pelo signatário também em 1993-1994 pela primeira vez atribuída a António de Holanda, juntamente com o mapamundo do "Atlas Miller"; e fizeram-no na imagem irmã, e coeva, que é esse luxuoso e grosseiro mapamundo de 1519... em que andou a mão do mesmo iluminador luso-flamengo António de Holanda, por ordem do mesmo Rei Dom Manuel...

Na opinião do autor, sobre um outro exemplar cartográfico, também ele de primeira importância na História da Cartografia mundial (opinião que deixou publicamente expressa, na comunidade científica, desde 2005 e 2006), foi também essa mesma contra-informação geográfica e geopolítica portuguesa, difundida a partir de Portugal ao longo do reinado do "Venturoso" Manuel, que levou à surpreendente mudança (um enigma que, desde sempre, havia intrigado os especialistas) visível na evolução (ou seria melhor dizer "estranha regressão"...?!) do padrão geográfico global das célebres cartas de Martin Waldseemüller (que actualmente se conservam na Library of Congress, em Washington DC): desde a famosíssima de 1507 (a primeira com o nome "América") e a influentíssima de 1513 (com a renovação da tábuca geral de Ptolomeu) até à intrigantíssima "Carta Marina Navigatoria Portugallen[sia] Navigationes..." de 1516, em que o grande cartógrafo de St. Dié, sempre influenciado pelos Portugueses, surpreendentemente, recuou (!), e voltou atrás em relação à anterior representação pioneira que havia feito, em 1507, do Novo Mundo separado.



Pormenor da Carta Marina Navigatoria Portugallen[sia] Navigationes..., de 1516, de Martin Waldseemüller, com a imagem do Rei D. Manuel de Portugal, na sua "Rota do Cabo" (Library of Congress, Washington D.C.)

Era já então o mesmo logro geopolítico. E é óbvio que estava já então a ser movido, a partir de Portugal, por Pacheco Pereira e os cartógrafos portugueses, nesses anos anteriores à viagem de Magalhães-Elcano (e até já desde há alguns anos antes... com reflexos internacionais visíveis na célebre carta de 1513 do almirante turco Piri Reis, etc.)...

Na "Carta Marina Navigatoria Portugallen...", em 1516, o Rei Manuel de Portugal "rules the waves" cavalgando um grande peixe, tritão ou golfinho, triunfal, com a bandeira portuguesa... Domina, monopolista, na sua "Rota do Cabo" que é o acesso, único, à Índia verdadeira (da pimenta), e às Molucas (das especiarias)... Quanto aos outros Europeus — os que não respeitem o Tratado de Tordesilhas (o "testamento de Adão"...) —, essa rota é proibida ("mare clausum"). Quanto aos Castelhanos — os vizinhos próximos, irmãos rivais, e cordiais competidores... —, esses, de facto, não vão lá... porque respeitam o Tratado... Mas o problema é que (usando sucessivos expatriados idos de Portugal, como João Dias de Solis e Fernão de Magalhães) estão prestes a finalmente conseguir chegar lá pelo Ocidente!

Na Europa Central, Waldseemüller reflectiu sempre a evolução dos traçados geográficos portugueses, pois o Imperador Maximiliano, o primo-direito do "Príncipe Perfeito" D. João II de Portugal (com quem, em vida, esteve sempre estreitamente aliado), manteve a articulação com o seu sucessor D. Manuel. E foi por isso que foram os interesses dos financeiros alemães, ligados a Maximiliano, que estiveram decisivamente presentes, no tempo de D. Manuel, nos tratos comerciais portugueses da "Rota do Cabo", para a Índia verdadeira (!), a que fora descoberta e operada pelos Portugueses desde o seu triunfo na viagem dos Gamas de 1497-1499 (e desde a, disso indissociável, desgraça de Colombo em 1500...).

Também nesse aspecto o "Venturoso" Rei Manuel (da Casa de Avis-Beja/Viseu) foi, e tentou ser (sobretudo neste seu terceiro e tardio casamento), um continuador do seu falecido primo e cunhado Rei D. João II. Mas a verdade é que, desde a morte desse grande Rei anterior, em 1495, quem de facto já havia ganhado o jogo diplomático principal — o jogo da aliança matrimonial com o Imperador e a Casa de Áustria (Habsburgo) — haviam sido os "Reis Católicos", Fernando de Aragão (Trastâmara) e Isabel de Castela (e Avis-Bragança). E os Portugueses haviam perdido. O Imperador seguinte — o Imperador do único Império verdadeiramente existente... — veio a ser Carlos, o neto dos "Reis Católicos"... Foram eles que ganharam, no fim; quando em 1495 morreu envenenado o seu adversário, o "Príncipe Perfeito" João II de Portugal, o Rei da Casa de Avis-Coimbra. Longa guerra, entre a Casa de Trastâmara, dos "Infantes de Aragão", e a Casa de Avis-Coimbra, dos descendentes do Infante Dom Pedro.

Ao contrário do que havia acontecido em 1476 na batalha de Toro, quem ganhou, em 1495, foi Fernando de Trastâmara. E perdeu o Príncipe de Portugal. No mundo não existem só espadas e punhais. Também existem cálices.



Alfredo Pinheiro Marques

Centro de Estudos do Mar e das Navegações
Luís de Albuquerque — CEMAR (Figueira da Foz)

N.R. O autor não adota o novo acordo ortográfico.

Notas

¹ Artigo constituído por 3 partes, baseado nos estudos do autor incluídos em MARQUES, Alfredo Pinheiro, e THOMAZ, Luís Filipe, Atlas Miller, com introdução por Manuel Moleiro, e prefácio por Joaquim Ferreira do Amaral, Barcelona: M. Moleiro Editor, 2006.

² Sobre esse fracasso, veja-se Alfredo Pinheiro Marques, "O Sucesso de Vasco da Gama e a Desgraça de Cristóvão Colombo", Salamanca, e Coimbra, 1994; e Madison, U.S.A., 1995.



POLÍCIA MARÍTIMA

GABINETE DE PSICOLOGIA

O Gabinete de Psicologia da Polícia Marítima (GPPM) foi criado em setembro de 2015 e tem por principal missão prestar apoio aos profissionais da Polícia Marítima (PM), em situações de risco e perante fragilidades psicológicas com que se deparam durante e em resultado da sua atuação.

CONTEXTOS E ÁREAS DE ATUAÇÃO

Em contexto interno, o GPPM tornou-se um elemento fundamental da PM, contribuindo de forma incalculável para o bem-estar dos seus profissionais, em dois vetores de ação essenciais:

- a prevenção psicológica, através de ações de proximidade junto dos comandos locais para a sensibilização e motivação do pessoal, envolvendo as chefias e os próprios profissionais. Neste vetor, o GPPM participa ativamente na preparação das equipas destacadas para missões nacionais e internacionais, através de palestras, *workshops*, seminários e conferências; e
- a intervenção psicológica, que permite atuar de forma imediata junto das situações de identificada vulnerabilidade, designadamente em contexto de crise, como seja a ocorrência de incidentes ou acidentes marítimos graves, mortes, desaparecimentos e situações traumáticas, na área de jurisdição da PM.

Em contexto externo, o GPPM disponibiliza apoio aos familiares de vítimas de situações de incidente crítico que ocorram na área de jurisdição da Autoridade Marítima Nacional. Em todos os domínios de intervenção, a prontidão do GPPM é permanente, disponibilizando para tal uma linha telefónica de apoio psicológico que está acessível a todos os profissionais da PM.

Assim, são premissas da atuação do GPPM: a disponibilidade (a permanência efetiva dos psicólogos da PM); a proximidade (entre os núcleos de psicologia e os comandos locais); e a acessibilidade (todos os profissionais da PM têm acesso direto ao GPPM).

Além dos contextos supramencionados, e sempre que determinado pelo Comandante-Geral da PM, o GPPM também integra e colabora com equipas multidisciplinares em situações de calamidade e catástrofes¹.

ACOLHIMENTO DE ESTÁGIOS PROFISSIONAIS

O estágio constitui um processo de transição do estudo académico para a prática independente da Psicologia, integrando as teorias, as metodologias e as investigações nas práticas clínicas.

O GPPM disponibilizou-se, recentemente, para acolher e dar apoio na supervisão e desenvolvimento profissional de estagiários, no âmbito da Psicologia Clínica e da Saúde. Está atualmente a acompanhar uma jovem estagiária, proporcionando-lhe o contacto e a experiência nos contextos de intervenção do gabinete, contribuindo para a aprendizagem e o seu desenvolvimento enquanto entidade profissional. O contacto com as várias dinâmicas de intervenção do GPPM tem permitido à estagiária conhecer a prática diária dos psicólogos da PM, bem como a importância do gabinete e das suas intervenções no que respeita ao apoio psicológico aos profissionais da PM em particular, e à comunidade em geral.

A coordenação, a supervisão e o acompanhamento de estagiários constitui um método de partilha, de manutenção das qualificações de treino, de aprendizagem mútua e, sobretudo, uma possibilidade de dar a conhecer a singularidade da PM, a sua

história e a sua importância fulcral na área de jurisdição da Autoridade Marítima Nacional e na sociedade. O contacto entre o psicólogo coordenador e o estagiário é, portanto, uma mais valia para o GPPM pois permite a recolha e ou interiorização de novas perspetivas, visões e ideias.

A procura e interesse pela PM por parte de diversos profissionais, nomeadamente futuros psicólogos, vem enaltecer o valor, relevância e reconhecimento desta força policial. Com este reconhecimento externo, o GPPM contribui para a divulgação da importância da Polícia Marítima e do seu papel no contexto da segurança nacional e internacional; tal fato constituiu motivo de orgulho, valorização e honra para aqueles que incorporam a PM e nela prestam serviço.



Colaboração de

Luís Vaz de Carvalho

Agente da PM e Coordenador do Gabinete de Psicologia da Polícia Marítima

Mariana Campaniço

Estagiária de Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde do Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada (ISEIT)

Notas

¹ Quando dos grandes incêndios de Pedrogão Grande, em junho de 2017, que causaram dezenas de mortos, o GPPM foi acionado para prestar apoio às populações no terreno.



ACADEMIA DE MARINHA

SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA

A comemoração do Dia da Marinha tem um lugar especial no calendário festivo para todos aqueles que envergaram ou envergaram o botão de âncora, revestindo-se de grande significado e simbolismo. A data de 20 de maio, marcando a chegada da Armada comandada por Vasco da Gama às costas do Malabar, na Índia, além de ser um momento seminal na história dos descobrimentos e da expansão marítima de Portugal, simboliza também o cumprimento da missão e o atingir do objetivo, ideais caros a todos quantos servem Portugal no mar. É assim uma data que a Academia de Marinha não deixa de comemorar todos os anos. Contando com a presença do CEMA, ALM Mendes Calado, a sessão solene de 25 de maio teve como pontos altos a entrega dos prémios “Pintor de Marinha” e a palestra “Sistemas de Apoio à Decisão. Enquadramento e relevância”.

PRÉMIO “PINTOR DE MARINHA”

O título de «Pintor de Marinha» foi criado pelo despacho do Almirante CEMA n.º 39/05, de 22 de junho, e é por si conferido, sob proposta da Academia de Marinha, ao artista que tenha consagrado uma parte substancial da sua atividade à representação plástica ou gráfica de assuntos marítimos de Portugal.

O título havia sido atribuído, até à data, por duas vezes: uma em 2005 e a título póstumo, ao Comandante Raúl de Sousa Machado; e a outra, em 2019, ao artista plástico-pintor António Luís Correia Pinto Barbosa.

Considerando a obra de António Delfim e Fernando Lemos Gomes indissociável da profunda relação imagética com o mar e com a Marinha, que caracteriza a identidade portuguesa, a Academia de Marinha propôs estes dois pintores para serem agraciados com este título.

Estes pintores, identificados e vocacionados para a representação quase hiper-realista, que se encontra para além da própria realidade, propõem temáticas associadas ao mar, aos navios, à paisagem, e aos motivos marítimos, merecendo assim a distinção que lhes foi atribuída.

Em António Delfim, o júri reconheceu a mestria da técnica a óleo com espátula, que é transversal a um vasto conjunto de obras, assumindo uma temática ancorada nos grandes navios portugueses, instauradores da presença emblemática de uma Marinha que se deseja sempre maior.

As suas obras são portadoras de um tempo histórico sinalizado na encenação paisagística idealizada pelo pintor. Por outro lado, utiliza e recorta do quotidiano as cenas de proximidade afetiva

em simbiose com a paixão pelas embarcações, ligadas às pequenas ou grandes atividades à comunidade.

Nestas imagens-obras é possível pressentir alguma nostalgia e simultaneamente o enorme prazer e frescura de não deixar esquecer. Poeticamente, as paisagens-cabos que entram pelo mar adentro apontam para as terras longínquas de África, como um “paraíso perdido”.

No caso de Fernando Lemos Gomes, cuja formação académica passou pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, o júri identificou um «olhar documentalista», fundado num perfeccionismo científico, que se serve de «diagramas pictóricos», para nos contar as «histórias com nomes», materializadas nos corpos dos navios.

Utiliza e domina a técnica da aguarela, desenvolvendo largas manchas com o intuito de revelar uma luminosidade quase metafísica, em contraste com os navios de guerra e com as suas guarnições.

A «setorização compositiva» dá destaque às séries de navios, centrando toda a atenção sobre a «coisificação» desse elemento securizante. Desta maneira, anula qualquer referência espacial, determinando o navio como o mediador entre o mar e o céu.

Pontualmente, aborda os estaleiros como lugares de purificação pelo fogo, onde nasceram as naves com velas brancas.

SISTEMAS DE APOIO À DECISÃO

A comunicação proferida no âmbito destas comemorações ficou a cargo do CALM Simões Marques, atual Comandante da Escola Naval, que trouxe a um auditório repleto (em termos de pandemia) uma reflexão intitulada «*Sistemas de Apoio à Decisão. Enquadramento e relevância*».



O ALM CEMA entrega o título Pintor de Marinha ao Sr. António Delfim





Foto SAU, ETC-Silva Parracho

CALM Simões Marques, Comandante da Escola Naval

conta já com larga implementação, fruto de 50 anos de experiência.

A comunicação levou-nos, de seguida, a ponderar sobre o mundo da tecnologia, particularmente as tecnologias computacionais —, um mundo vibrante de acelerada evolução e mutação —, e de como estas já impactam e impactarão cada vez mais os sistemas de apoio à decisão, fruto de um novo ímpeto e dinâmica na aplicação da Inteligência Artificial (IA) nas investigações nesse sentido.

Foram expostas não apenas as potencialidades que estes avanços tecnológicos apresentam, tais como a capacidade de processamento de vastas quantidades de informação em tempo reduzido e de forma precisa, tornando a IA num precioso complemento da mente humana, mas também algumas das limitações e desafios que a adoção e implementação das IA apresentam.

Neste capítulo, o palestrante alertou a audiência para cenários, até há pouco tempo

O tema foi relacionado com exemplos do contexto naval e da gestão de crises complexas, i.e., aquilo que se poderia tornar complexo para a audiência, foi “aligeirado” graças à mestria revelada pelo orador.

Em primeiro lugar foram abordados os métodos de análise multicritério, utilizados para um olhar sobre os Sistemas Inteligentes como ferramentas de apoio à decisão, obviando às limitações inerentes à mente humana e procurando simplificar e otimizar o processo de tomada de decisão pelo agente.

Esta procura pela otimização das decisões face às possibilidades com que o indivíduo se confronta, de modo a incorrer no mínimo de falhas no processo de decisão, acabou por desembocar, no decorrer da II Guerra Mundial, na criação da disciplina da Investigação Operacional. Tal como foi referido, este campo na Marinha

considerados meras ficções distópicas, mas que se tornam cada vez mais possíveis com os avanços aludidos acima, sendo imperativo garantir a confiança dos utilizadores nas tecnologias de IA que utilizam, ao mesmo tempo que haverá que responder aos desafios éticos por elas lançados.

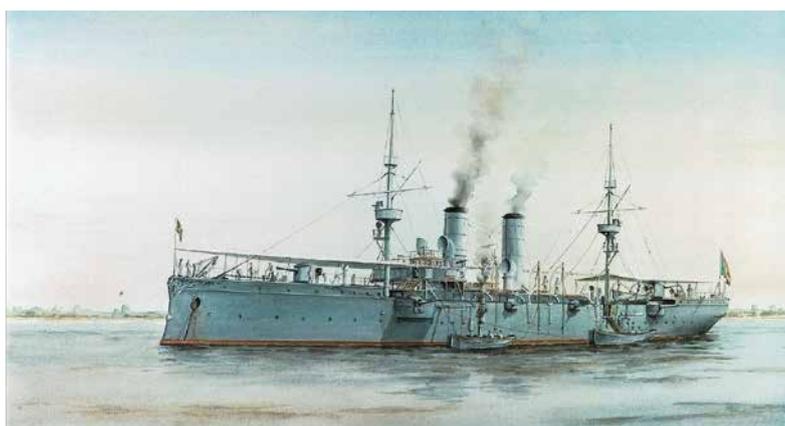
Regressando ao presente, o CALM Simões Marques fechou a sua comunicação garantindo a capacidade da Marinha em se adaptar a estes domínios, tanto o tecnológico, como o dos sistemas de apoio à decisão, mencionando o *Talant de bien faire* que caracteriza a Armada e que é foco do dia celebrado.



Colaboração da **ACADEMIA DE MARINHA**



O ALM CEMA entrega o título Pintor de Marinha ao Sr. Fernando Lemos Gomes



MEDALHA COMEMORATIVA



Desde 1980, ou seja, há quarenta e um anos, que os clubes militares da Armada, numa iniciativa conjunta – inicialmente apenas o Clube Militar Naval (CMN) e o Clube do Sargento da Armada (CSA), e, a partir de 1984, o Clube de Praças da Armada (CPA) - têm procedido, ano após ano e ininterruptamente, à edição de uma medalha de 80 mm, gravada em bronze, alusiva a efemérides ou a personalidades relevantes da história da Armada Portuguesa, associando-se deste modo às comemorações oficiais do Dia da Marinha.

No passado dia 7 de maio, foi o exemplar número 1 da medalha comemorativa do Dia da Marinha deste ano oferecido ao Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional (CEMA e AMN), Almirante Mendes Calado. Presentes na cerimónia, como tem sido tradição, alguns dos Corpos Dirigentes dos três clubes militares da Armada: CMG Santos Silva (presidente da Direção do CMN); 1SAR José Fernandes (presidente da Direção do CSA); CAB Carlos Cardoso (Presidente da Direção do CPA); CAB Francisco Barão (Presidente da assembleia geral do CPA); e CMG Valente Zambujo (representante do CMN e autor da medalha).

O Almirante CEMA e AMN felicitou os três Clubes por mais esta iniciativa que muito dignifica a Marinha, e relevou a importância dos clubes na união dos seus associados e na coesão da Marinha. A medalha comemorativa do Dia da Marinha deste ano, a quadragésima segunda desta longa coleção de Medalhística Naval, está centrada nas Comemorações do V Centenário da morte de D. Manuel I, Rei de Portugal e dos Algarves, e foi uma vez mais concebida pelo CMG Herlander Valente Zambujo, que teve a oportunidade de dar uma breve explicação dos motivos que a compõem.

De acordo com essa explicação, a medalha apresenta no seu anverso, em escultura, a Torre de S. Vicente (vulgarmente chamada de Torre de Belém), cuja construção foi iniciada em 1514 e terminada em 1520, e o brasão de armas de D. Manuel I. No seu reverso, ostenta uma escultura do busto de D. Manuel I, que

reinou de 1495 a 1521, ano da sua morte. A temática da medalha deste ano exalta o papel deste Rei, em cujos vinte e seis anos de reinado prosseguiram as explorações marítimas portuguesas iniciadas pelos seus antecessores, as quais se materializaram na descoberta do caminho marítimo para a Índia, do Brasil, e das ambicionadas "ilhas das especiarias", as Molucas, determinantes para a expansão do império português.

Foi o primeiro Rei a assumir o título de Senhor do Comércio, da Conquista e da Navegação da Arábia, Pérsia e Índia. Com a prosperidade resultante do comércio, em particular o de especiarias, mandou realizar numerosas obras cujo estilo arquitetónico ficou conhecido como manuelino. A Torre de S. Vicente, expoente máximo da arquitetura militar deste estilo, é atualmente um *ex libris* da cidade de Lisboa.



Herlander Zambujo
CMG



Foto: SAJ ETC Silva Parracho

DIA MUNDIAL DO DADOR DE SANGUE

O Dia Mundial do Dador de Sangue é celebrado, anualmente, no dia 14 de junho. Este dia tem como objetivo sensibilizar a população para a necessidade de dar sangue e agradecer a todos os doadores as suas dádivas voluntárias, assim como reconhecer a sua importância em salvar vidas e em melhorar a saúde e qualidade de vida de muitos doentes.

O Dia Mundial do Dador de Sangue foi estabelecido em 2005 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) mas atualmente este dia é patrocinado mundialmente por 4 entidades: OMS, Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, Federação Internacional das Organizações de Dadores de Sangue e Sociedade Internacional da Transfusão de Sangue.

A escolha da data da efeméride, 14 de junho, tem por objetivo homenagear o Dr. Karl Landsteiner, nascido na mesma data. Este médico, e biólogo, austríaco foi o precursor da transfusão sanguínea. Dedicou a sua vida a comprovar que havia diferenças no sangue entre indivíduos diferentes. Ele colheu amostras de sangue de diversas pessoas e isolou os eritrócitos (glóbulos vermelhos) do plasma e restantes constituintes do sangue. Depois fez diferentes combinações entre os plasmas e os eritrócitos e constatou que, apenas nalguns casos, existia aglutinação dos glóbulos, formando grânulos. Com isto, o Dr. Landsteiner conseguiu explicar a causa de algumas pessoas morrerem após receberem transfusões de sangue, enquanto outras não. Em 1930 recebeu o Nobel de Fisiologia/Medicina pela classificação dos grupos sanguíneos, do sistema ABO, e pela descoberta do fator RH.

O corpo humano de um adulto contém aproximadamente 5 litros de sangue. Quando existe perda abundante de sangue, ou um dos seus constituintes se encontra deficitário, há necessidade de receber uma transfusão de sangue. Diariamente acontecem centenas de acidentes, cirurgias e queimaduras graves, bem como existem muitos portadores de hemofilia, leucemia e anemias. É ainda essencial para salvar vidas na prestação de cuidados neonatais e na maternidade. Os hospitais portugueses precisam de cerca de 90 mil unidades por ano.

Dado que todas as células sanguíneas são produzidas na medula óssea, e não é possível fabricá-las artificialmente em laboratório, a dádiva de sangue espontânea e periódica é fundamental.

Em Portugal é o Instituto Português do Sangue e da Transplantação (IPST) que tem por missão garantir e regular a atividade da medicina transfusional, assim como garantir a dádiva, colheita, análise, processamento, preservação, armazenamento e distribuição de sangue humano e de componentes sanguíneos.

É possível doar sangue nos Centros Regionais de Sangue de Lisboa/ Coimbra/ Porto, nas brigadas móveis de colheita e nos serviços de imunohemoterapia de alguns Hospitais, devendo sempre fazer-se acompanhar do bilhete de identidade ou cartão do cidadão. Podem dar sangue todas as pessoas com bom estado de saúde, com hábitos de vida saudáveis, peso igual ou superior a 50kg e idade compreendida entre os 18 e 65 anos. Para uma primeira dádiva o limite de idade é aos 60 anos. Todos os tipos de sangue são necessários!

Os homens podem dar sangue de 3 em 3 meses (4 vezes por ano) e as mulheres de 4 em 4 meses (3 vezes por ano), sem nenhum

prejuízo para si próprios. Dar sangue não engorda, não enfraquece e não causa habituação. Todo o processo da dádiva demora em média 30 minutos. Não se deve dar sangue em jejum (o ideal é tomar uma refeição ligeira sem álcool e sem gorduras). Se almoçar, deverá completar 3h de digestão antes de efetuar a dádiva.

O candidato a dador é sempre observado pelo médico, que avalia o seu estado de saúde mediante a história clínica e os seus hábitos de vida. A entrevista médica tem como objetivo salvaguardar a saúde do próprio dador, bem como a saúde do doente que irá receber o sangue. Depois da história clínica, o dador é submetido a um exame sumário com medição do pulso, da tensão arterial e doseamento da hemoglobina. Uma vez aprovado para a dádiva de sangue, irá ser atendido por enfermeiros na sala de colheita. É feita uma punção venosa num dos braços e são colhidos 0,45 L de sangue, o que corresponde a uma unidade de Sangue Total. Não há qualquer possibilidade de contrair doenças através da dádiva de sangue, pois todo o material utilizado é estéril e descartável e usado uma única vez.

Após a colheita o sangue é processado e os seus constituintes são separados por centrifugação. Assim é possível os doentes receberem apenas a parte do sangue que necessitam, isto é, podem ser transfundidos apenas com eritrócitos, plaquetas, fatores de coagulação ou plasma. Simultaneamente ao processamento, são enviadas amostras do sangue para o laboratório a fim de serem submetidas a exames serológicos e imunohematológicos. Estes exames atestam a qualidade do sangue e classificam os tipos sanguíneos.

Geralmente os doadores não apresentam problemas durante a dádiva mas, apesar de todos os cuidados, alguns doadores podem sentir tonturas ou sensação de desmaio, que rapidamente revertem com medidas gerais como aumentar a hidratação e adotar uma posição com as pernas mais elevadas que o tronco e cabeça.

Após a dádiva os doadores permanecem no centro de colheita e é-lhes oferecido uma pequena refeição. Se o dador permanecer assintomático pode ir para casa, apesar de dever manter alguns cuidados ao longo desse dia: não fazer esforços com o braço onde se fez a punção, ingerir muitos líquidos, não praticar exercício físico intenso e abster-se de bebidas alcoólicas. O sangue doado é rapidamente repostado pelo nosso organismo.

Em resumo, a necessidade de sangue seguro é universal e doar sangue é um ato simples, indolor, rápido e sem riscos para a sua saúde. Das dádivas dependem muitas vidas. Doar sangue é uma atitude necessária, de solidariedade, cidadania e amor.



Ana Cristina Pratas
CTEN MN

www.facebook.com/participanosaudeparatodos



Autor: STEN TSM-ARQ Paulo Guedes

“Nasceu um soldado”, foi este o texto do telegrama enviado por meu pai a meu avô, anunciando o meu nascimento. Avô, prestigiado militar, Comandante da Cidadela de Cascais por mais de vinte anos, foi um grande desportista físico, campeão de ténis e segundo classificado na primeira e única volta a Portugal a cavalo (2000 km) realizada em 1925.

Mas não foi soldado, tornou-se marinheiro por paixão e não por orientação. A minha paixão pelo mar cedo se revelou; com nove anos, entrei no Liceu Nacional de Oeiras onde às quartas e sábados, uma atividade da Mocidade Portuguesa, que designávamos por “bufa”, nos ensinava a marchar. Como alternativa, era possível fazer vela nos famosos “Lusitos”. Estava traçado o meu destino – o Mar.

Com o decorrer do tempo, aproximava-se a incorporação militar, que consegui adiar até à finalização do meu curso de Engenheiro Silvicultor. Assim, após um processo de candidatura, ingressei em Fevereiro de 1969 no Curso de Oficial da Reserva Naval.

O culminar do nosso período de instrução foi um cruzeiro à Madeira e Cabo Verde a bordo da fragata *Nuno Tristão*. Pareceu que o meu desempenho a bordo foi apreciado e, como tal, fui o primeiro Reserva Naval a ter guia de marcha para África. Poucos dias depois da chegada ao Alfeite, fui convocado pelo CEMA, Almirante Reboredo e Silva, que me recebeu com pompa e circunstância. Solenemente, dirigiu-me as seguintes palavras: “Em nome da Marinha Portuguesa tenho a honra e o prazer de o convidar para comandar um navio da Armada no Teatro Operacional da Guiné”. Assim, nos primeiros dias de Outubro, lá “rumei para o Teatro”! Iniciei então, talvez aquele que foi o período mais intenso da minha vida e que ainda hoje recordo. Foi graças à Marinha que tive oportunidade de ter uma experiência de vida única. Foi um período de grandes acontecimentos e onde tive a ocasião de experimentar uma enorme diversidade de funções e ações.

Chegado a Bissau, após as formalidades da praxe, tive o primeiro *briefing* com o Comandante da Esquadilha de Lanchas, que me informou que a unidade que iria comandar, a LFP *Deneb*, iria sofrer uma grande reparação pelo que, entretanto, iria ocupar o lugar do Imediato da Esquadilha, que estava ausente de férias.

Estava escrito que a minha passagem pela Guiné seria recheada de imprevistos. Poucos dias após assumir aquelas funções, sou chamado ao comando da LFP *Bellatrix*¹, pois o seu Comandante acabava de ser evacuado, em virtude de ferimentos sofridos pelo rebentamento de uma granada. Foi assim que, repentinamente, caí nos braços da *Bellatrix*.

Dias depois da notícia do meu comando nesta LFP², tenho a minha primeira operação no rio Cacheu, sem qualquer oportunidade de obter a passagem de testemunho de alguém com experiência naqueles cruzeiros. Iria partir “virgem”, apenas com a tranquilidade de ter a bordo um sargento Mestre de Manobra, com um ano de experiência na Província.

Fiz então uma longa navegação de mais de dez horas até ao destino, permanentemente agarrado ao radar, pois seria um percurso cheio de baixios e, por vezes, com navegação muito ao largo. Chegado, por fim, à foz do rio Cacheu, noite cerrada, atraquei junto ao quartel da vila. Nesse instante, somos surpreendidos por um violento ataque vindo de S. Domingos. Larguei de imediato e parei ao largo em ocultação de luzes. Soube, mais tarde, ter-se tratado de um dos mais violentos bombardeamentos feitos à vila de Cacheu. Grande baptismo de fogo. Iniciei, no dia seguinte, o meu primeiro cruzeiro patrulhando entre a foz dos rios Armada e Canjuja.

Rapidamente me fascinei com aquela paisagem grandiosa de margens densas de tarrafe, interrompidas, de quando em quando, pelas clareiras que, outrora, serviram de acesso ao rio para escoamento de madeiras e que se transformaram em locais privilegiados para ataques à LF. Mas a beleza da paisagem era demasiado forte para que outros sentimentos pudessem perturbar aquele fascínio. O momento alto do dia era o pôr-do-sol. Fechava-se então a guerra e, numa cadeira de repouso, à proa, assistia àqueles momentos únicos, acompanhados pelos incríveis ruídos da selva que, com o cair da noite, se iam reduzindo até ao silêncio absoluto, ao qual se seguia um crescendo de novos ruídos...



José Luís Ferreira da Silva Dias, 14.º CFORN

In Crónicas Intemporais da Guerra e da Fraternidade, 2019

N.R. O autor não adota o novo acordo ortográfico.

Notas

¹ Construída nos Bayerische Schiffbaugesellschaft GmbH, em Erlenbach am Main, na República Federal da Alemanha; como armamento dispunha de uma metralhadora Oerlington MK II 20 mm, de um lança-foguetes de 37 mm e de duas metralhadoras MG 42, de 7,62 mm.

² Lancha de Fiscalização Pequena; também comumente usado o acrónimo abreviado LF, muito embora também englobe as Lanchas de Fiscalização Grandes (LFG).

QUARTO DE FOLGA

JOGUEMOS O BRIDGE

Problema nº 245

NORTE (N)		ESTE (E)	
♠	♥	♦	♣
R	A	7	D
3	D	6	V
	4	2	10
			8
			3
OESTE (W)		SUL (S)	
♠	♥	♦	♣
7	R	8	7
5	9	5	6
	6	3	4
	5		2
♠	♥	♦	♣
A	8	R	9
D	7	D	5
V	3		
10			
9			
2			

TAPE OS JOGOS DE W-E PARA TENTAR RESOLVER A 2 MÃOS GRAU DE DIFICULDADE – MÉDIO CARECENDO DE ATENÇÃO

N-S vuln. E abre em 1♦, N-S marcam a partida em 4♣, saindo W naturalmente ao naipe de abertura do parceiro que faz o A e joga V. Analise atentamente as 4 mãos e escolha a linha em que gostaria de estar sentado para marcar pontos para a sua coluna.

SOLUÇÕES: PROBLEMA Nº 245

Se escolheu a linha E-W fez a escolha acertada, conforme vamos ver. Numa 1ª análise o contrato não tem dificuldades, pois basta pegar de R, destruir e apurar o naipe de ♣ para baldar as 2 perdes. Todavia, E não se precipitou e apercebeu-se que os ♣ do morto são um grande trunfo para S, tendo de tentar destruir o seu aproveitamento. A hipótese será jogar V para A do morto na 2ª vez para ganhar um tempo, esperando que W tenha o R, o que é o caso; a D é feita e joga ♣ para o 9 que E faz de A; insiste em ♠ para o A do morto, destruindo assim a última entrada depois do apuramento dos ♣ e obrigando S a dar uma vez em ♠ para o cabide. Se o R ♠ estivesse em S a jogada não resultaria, mas o contrato seria imperdível. Esta jogada de flanco, aparentemente estranha por estar a facilitar a vida ao carteador, é muito comum acontecer à mesa, e não deve merecer reservas se existirem hipóteses de ter sucesso.

Nuno Marques
CALMAN

GO NAVY!

Passatempo nº 27

What is the level?
Let's talk about...



STANAG 6001

STANAG 6001 Edition 5, Language Proficiency Levels, is the NATO agreed standard for language curriculum, test development, and for recording and reporting Standardized Language Profiles (SLPs).

STANAG 6001 provides NATO forces with a table describing language proficiency levels.

The language proficiency skills – Listening (L); Speaking (S); Reading (R); Writing (W)- are broken down into six base levels coded 0 through 5. In general terms, skills may be defined as follows:

Level 0- No proficiency; Level 1 – Survival; Level 2 – Functional; Level 3 – Professional; Level 4 – Expert; Level 5- Highly-articulate native.

Do you know what you are expected to comprehend and produce at each level? Let's find out!

WHAT IS THE LEVEL (0,1,2,3,4,5) AND THE SKILL (L/S/R/W) OF THE FOLLOWING?

“Can state facts; give instructions; describe people, places, and things; can narrate current, past, and future activities in complete, but simple paragraphs.”

SOLUÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR: Level 3 - Reading

Estela Magalhães Parreira
CTEN ST-ELING

SUDOKU

Problema nº 77

FÁCIL

6			7		4		2	9
	2		3		8	7	5	
				5		6		
	5					9	4	
3			2		5			8
	7	2						6
		7		4				
	6	4	1		9			8
5	1		8		7			6

DIFÍCIL

						7		
	5		3				2	
		9	5				1	3
5				6		8		
2		1				3		9
		8		9				7
3	8				4	6		
	2				5		3	
		7						

SOLUÇÕES: PROBLEMA Nº 77

FÁCIL

9	6	7	2	8	3	1	5	4
7	8	5	6	3	1	4	7	2
3	1	2	6	4	7	9	8	5
5	9	3	1	4	2	7	6	8
8	7	4	1	5	6	2	9	3
2	4	6	3	7	8	5	1	9
4	3	8	5	2	9	6	7	1
1	5	7	8	6	4	3	2	9
6	2	8	9	7	1	4	5	3

DIFÍCIL

8	9	5	6	3	2	7	1	4
7	3	1	5	7	8	6	9	2
2	4	9	6	1	4	5	8	3
7	5	3	6	3	6	1	1	7
6	9	8	5	7	7	1	7	2
4	7	8	8	8	3	3	6	5
5	2	7	4	1	5	2	7	1
9	6	6	1	9	8	7	4	1
1	5	7	8	6	4	3	8	7
3	8	7	1	4	7	8	5	2

NOTÍCIAS PESSOAIS

RESERVA

- SCH M Raúl Figueira Brito Palma.

REFORMA

• CMG FZ António da Silva Campos • CMG M António José Aguiar de Jesus da Costa e Castro • SMOR MQ Carlos Alberto Sousa Luís • SCH FZ José Maria Bexiga Alves Godinho • SAJ FZ Ivo Manuel Ramos Martins • SAJ M António Manuel Lopes Pires Afonso • 1SAR FZ Vítor Manuel Narciso Mateus • 1SAR FZ José Joaquim Mateus Pais • 1SAR FZ Hermenegildo Manuel Grijó Graça • 1SAR FZ Luís Manuel Carvalho Correia • CAB L Luís Francisco Monteiro da Silva Leite • CAB M Américo Joaquim Ribeiro Pereira • CAB CM Manuel António Galito da Silva • CAB TFH Manuel Moreira Carvalho • CAB CCT Ladislau Manuel Gato Aragão • CAB CCT José Ribeiro da Nova • CAB CM José Manuel Lopes Pegas • CAB CRO Luís António Vicente Tavares Macedo • CAB TFH António Nobre Conceição • CAB A José Pedro Ferreira • CAB FZ João Luís da Cunha Alves • CAB FZ Liberto de Oliveira Rodrigues • CAB CRO José Nunes Ribeiro • CAB CRO Jaime Duarte Vaz Ramos • CAB A Luís Manuel Castilho Filipe • CAB R António Luís de Brito Soares • CAB TFD José Manuel Gomes Lare Serra • CAB TFH Orlando Manuel Oliveira Cravo • CAB FZ José Agostinho Marto José • CAB FZ Manuel Mateus Rodrigues Domingues • CAB FZ António Dinis Pimentel • CAB FZ Januário de Oliveira • CAB FZ José Joaquim Correia Martins Resende • CAB FZ Avelino Fernando Teixeira da Silva • CAB FZ João Martinho Gomes da Silva • CAB FZ António Gonçalves Fernandes • CAB L Joaquim Manuel Libânio Tavares • CAB CM António Manuel Portugal Pereira

• CAB CM Martinho Carrasco Pereira • CAB CCT Guilherme Jorge Rosa Esteves • CAB CRO Jorge Manuel Pires de Paiva • CAB CCT Rui Manuel Pinheiro Cardoso • CAB M Pedro José Pinto Oliveira Morgado • CAB M José Manuel de Carvalho Guilherme • CAB L António Manuel Nunes Barreto Matias • CAB L Carlos Alberto Martelo Honrado • CAB FZ José Mesquita Maximino • CAB A Jorge Manuel Alves Gonçalves • CAB FZ Armando José da Silva da Rocha • CAB FZ Carlos Manuel da Costa Pinto • CAB FZ Joaquim António Fernandes Machado • CAB U António Carlos Gomes da Silva • CAB FZ João de Deus Pinto Fernandes • CAB A Ludgero António de Carvalho Costa • CAB CM António José Gonçalves da Costa • CAB L Álvaro Lourenço Gonçalves.

FALECIDOS

• 467257 CFR OTT REF António Silva Fernandes • 204947 1TEN OTT José Firmino Fonseca • 1TEN OT REF Aurélio Gonçalves Bicho • 79664 SMOR L REF Acácio da Cunha Almeida • 255353 1SAR R REF Jaime Rosário André • 9346204 1SAR ETA ACT Diogo César Vasconcelos Rodrigues Soares • 474957 1SAR FZ REF António Serras Lobato • 169847 SAJ T REF Manuel Francisco Repolho • 200648 SAJ CM REF João Lopes Pereira • 349953 SAJ A REF Gilberto Vicente Custódio • 368454 SAJ C REF José Garcia Diamantino • 389855 SAJ FZ REF José da Conceição Viegas • 382855 SAJ TF REF Américo Franklim Pereira • 920262 CAB M REF Armindo de Castro Pacheco • 1025663 1MAR FZ REF Francisco Vilhena Nogueira • 33012471 AGEN 1CL PM APO Tibério Oliveira da Silva Sousa • 33010369 AGEN 2CL PM APO José Manuel Soeiro Calheiros • 32005773 GUARDA 1CL QPMM APO Matias António Almas.



AQUÁRIO
VASCO DA GAMA

ESTAMOS DE VOLTA

TANQUE DAS TARTARUGAS

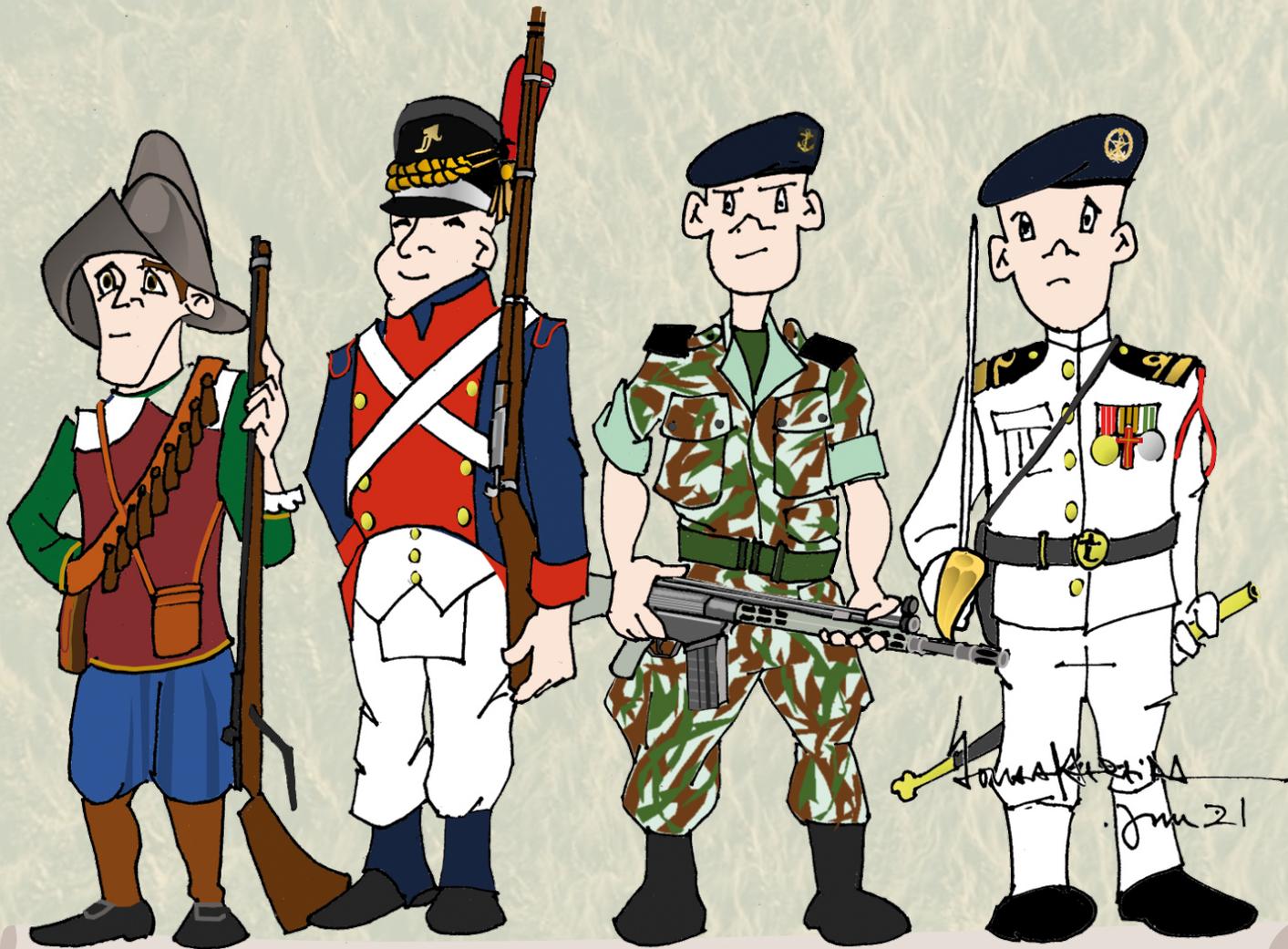
CONCURSO DE FOTOGRAFIA



Ocaso à popa
Foto NRP Sagres



Anoitecer com terra à vista
Foto NRP Sagres



FUZILEIROS 400 ANOS